

Lilian Carla Muneiro & Libny Freire
(Organizadoras)

Natal

Copa, História e Sabores

O olhar dos acadêmicos do curso de Comunicação Social da UFRN, disciplina de *Reportagem Pesquisa e Entrevista*, primeiro semestre de 2011



Textos de

Felipe Araújo Pereira de Brito | Gaston René Pontanegra Poupard | Gustavo Leite Sobral | Isadora Vasconcelos de Lima | Liliane Silva Felix | Lorena Souza Dias | Luciana da Costa Lopes | Luis Roberto Rossi Del Carratore | Luiz Philipe da Silveira Barros | Maria Larissa Dennyfher de Moura | Mônica Lins Araújo | Nadjara Thays Teixeira Martins

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Reitora

Ângela Maria Paiva Cruz

Vice-Reitora

Maria de Fátima Freire de Melo Ximenes

Diretora da EDUFRN

Margarida Maria Dias de Oliveira

Conselho Editorial

Cipriano Maia de Vasconcelos (Presidente)

Ana Luíza Medeiros

Humberto Hermenegildo de Araújo

John Andrew Fossa

Herculano Ricardo Campos

Mônica Maria Fernandes Oliveira

Tânia Cristina Meira Garcia

Técia Maria de Oliveira Maranhão

Virgínia Maria Dantas de Araújo

Willian Eufrásio Nunes Pereira

Editores

Lilian Carla Muneiro & Libny Freire

Revisão

Ariadna Straliozzo (colaboração especial)

Wildson Confessor

Os textos foram elaborados durante o primeiro semestre de 2011, na disciplina Reportagem, Pesquisa e Entrevista, contida na grade do curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo sob orientação da Profa. Dra. Lilian Carla Muneiro.

Os títulos no sumário estão linkados com as respectivas páginas. Além disso, o leitor poderá voltar para o sumário no link apresentado com esse fim em cada uma das páginas.

Divisão de Serviços Técnicos

Catálogo da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Natal : copa, história e sabores : o olhar dos acadêmicos do curso de comunicação social da UFRN, disciplina de reportagem pesquisa e entrevista, primeiro semestre de 2011 [recurso eletrônico] / organizadoras Lilian Carla Muneiro, Libny Freire. – Natal, RN: EDUFRN, 2012.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

ISBN 978-85-7273-883-5

1. Jornalismo – Natal (RN). 2. História – Natal (RN). 3. Copa do Mundo – Natal (RN). 4. Gastronomia – Natal (RN). I. Muneiro, Lilian Carla. II. Freire, Libny.

CDD 079.8132
CDU 070(813.2)

Todos os direitos desta edição reservados à EDUFRN – Editora da UFRN
Av. Senador Salgado Filho, 3000 | Campus Universitário
Lagoa Nova | 59.078-970 | Natal/RN | Brasil
e-mail: edufnr@editora.ufrn.br | www.editora.ufrn.br
Telefone: 84 3215-3236 | Fax: 84 3215-3206

Sumário

Primeiro semestre de 2011, p. 4

Natal e a Copa, p. 5

A identidade esportiva no país do futebol, p. 6

Um legado para Natal?, p. 7

Patriotismo, p. 9

Machadão não chegará aos 40, p. 10

O poeta de concreto, p. 11

Assim chega o Arena, p. 20

Cultura, Gastronomia e Festa, p. 21

Ribeira, “velha de guerra”, p. 22

Gastronomia, p. 24

Carne de sol: patrimônio nordestino, p. 25

E assim nasceu a macaxeira e suas delícias, p. 27

Caju, p. 28

Brie e camembert do sertão, p. 29

Tradicional noite de forró, p. 30

Badalada da noite em Natal, p. 31

A noite começa na hora certa, p. 32

Tome mais uma, depois peça a saideira, p. 33

Ainda na Ribeira..., p. 34

Arquitetura e a cidade, p. 37

Natal: a arquitetura e a cidade, p. 38

Antiga Catedral: ponto de fé e cultura no centro histórico, p. 40

Hotel Reis Magos: o primeiro empreendimento turístico de Natal, p. 43

As docas potiguares, p. 46

Festa do Interior, p. 48

O Potiguês, p. 49



Primeiro semestre de 2011

Os alunos do curso de Comunicação Social da UFRN abraçaram a proposta de contextualizar Natal durante o primeiro semestre de 2011. A atividade foi tida como árdua tarefa, vários desistiram sem ao menos tentar. Outros, perseverantes, foram adiante e enfrentaram os desafios da elaboração do texto jornalístico. Esses alunos perceberam a necessidade de deixar a universidade para entrevistar as pessoas, imersas na profusão da capital, conhecer e reconhecer lugares, investigar, fotografar e exercitar a prática jornalística.

A Copa de 2014 foi o nosso mote inicial. Nesse sentido, fomos acompanhando movimentações, opiniões favoráveis ao evento e também as críticas, que não foram poucas. Paralelamente, como se tratava de falar da cidade não só para as pessoas que nela residem mas também para outras que aqui passam, achamos por bem retratar o primeiro semestre da cidade e o grande tema esportivo de forma pulsante, tal qual a cidade se apresentava, sem encobrir problemas mas resgatando fragmentos históricos e trazendo diversidade cultural.

Em vários momentos, as discussões em sala acabavam sendo naturalmente pautadas pelos problemas da cidade que pareciam

multiplicar-se. As greves dos professores – reflexo do descaso com a educação – a paralisação dos motoristas de ônibus, o trânsito perigoso da cidade, as falhas no sistema viário, a falta de infraestrutura e condições de realizar a gestão efetiva na saúde. Também a chuva, sempre tão esperada no Nordeste, se tornou tema de debate. É que em Natal ela se tornou causa de sofrimento para os que residem em áreas sem infraestrutura. Diante de tantos problemas, como realizar a Copa do Mundo? Questionávamos, semanalmente.

Para nossa alegria, em meio a uma sucessão de crises, Natal mostrou-se imperativa, tal qual sua beleza e seu povo articulado – que fez uso da tecnologia, das redes sociais, para ampliar questionamentos ciclicamente refutados. O movimento político denominado #ForaMicarla, deflagrado via Twitter, ganhou espaço em uma das mais conceituadas publicações de cunho informativo do país, a revista Carta Capital.

Mas e a Copa? O Machadão será ou não será demolido? Teremos um estádio em tempo hábil? A cidade conseguirá redesenhar seu plano viário? Qual será o legado da Copa? Não obtivemos essas respostas no período que pesquisamos. Poucas foram as decisões

tomadas e poucas foram as ações efetivadas para melhorar a cidade. Até o Mundial de Basquete, tido como “esquenta” para a Copa, ficou longe do esperado.

Já que a Copa foi o mote instaurado para a melhoria e promoção da cidade, temos esperança de que parte dos problemas que a capital enfrenta sejam solucionados. Sabemos que a vontade e a organização dos cidadãos podem impulsionar decisões políticas capazes de promover mudanças.

Nesta publicação, apresentamos uma espécie de mural, elaborado com textos e imagens. Trata-se de uma obra da turma de Reportagem, Pesquisa e Entrevista com participação de outros colegas do curso de Comunicação Social que aderiram ao trabalho, entre eles Gustavo Sobral e Libny Freire, mestrandos do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da UFRN. Apresentamos nossa homenagem ao “poeta de concreto” Moacyr Gomes da Costa, o olhar de nossos alunos diante de alguns descompassos, um pouco cultura potiguar existente na gastronomia, locais de encontro e bairros boêmios. Aos 44 minutos do segundo tempo, o professor Beto Carra-tore, apaixonado por futebol, nos contempla com o texto “Festa do Interior”.

Natal é singular – um pouco de seu passado e arquitetura se encontram aqui.

Boa leitura.
Lilian Muneiro

Natal e a Copa

A identidade esportiva no ‘País do Futebol’

Por Philippe Barros

Futebol. Para muitos, não é nada mais que a encenação de um espetáculo sem sentido. Vinte e dois marmanjos perseguem uma bola em um enorme gramado. Na verdade, o futebol é a energia resultante de um conjunto de relações intra e extracampo, que vai do jogador reserva ao presidente do clube, amplifica-se na torcida e irradia através das ondas do rádio e da televisão. Concentra-se também nos brasões dos clubes, estampados nos estádios e uniformes dos jogadores

Onze homens de cada lado do campo, carregando o peso de uma camisa que representa um time, uma nação, e um árbitro que vai moderar o duelo. Em síntese, os jogadores têm a, aparentemente fácil, missão de trabalhar em equipe e conseguir chutar a bola para

o fundo da rede de uma das traves localizadas nas duas margens opostas do campo, e guardadas pelos goleiros, os únicos que durante o jogo, podem tocar a bola com as mãos. O técnico do time é o homem responsável por montar a escalação dos jogadores e elaborar as estratégias de jogo. Quem fizer mais gols no período regulamentado de dois tempos de 45 minutos vence a partida.

Dentro do universo futebolístico ainda existem inúmeros outros elementos que colaboram para construir o cenário do esporte: o conjunto de regras, as faltas, a torcida, os cartolas, o cartão vermelho, os pênaltis, os bandeirinhas, o impedimento, o banco de reservas, a chuteira, as linhas no campo, a linguagem do futebol, a banheira, o lanterninha do campeonato, o gandula, o alambrado, o troféu, o zagueiro, o atacante, o capitão, os ídolos, a Copa.

A paixão dos brasileiros pelo futebol se

construiu ao longo dos anos através de uma narrativa que moldou o estilo “canarinho” de jogar. Edison Gastaldo, antropólogo social e especialista em futebol, conta em entrevista ao blogue reporteresportivo.com que até a copa de 1938, na França, a seleção brasileira era internacionalmente desconhecida. “Então o Brasil vai virar País do Futebol a partir de 1950, quando constrói o Maracanã para ganhar a Copa do Mundo e perde. A partir daí, parecia que toda vez que a seleção brasileira entrava em campo era para se redimir dessa tragédia”.

A seleção brasileira de futebol foi se tornando uma potência no esporte ao vencer as copas de 1958 na Suécia, 1962 no Chile, 1970 no México, 1994 nos Estados Unidos e, em 2002, a copa correalizada por Japão e Coreia do Sul. O país configurou-se como o maior vencedor da história das copas do mundo. Das sete vezes que disputou as finais arrebatou cinco títulos.

O Brasil é considerado, pelos brasileiros, como o ‘País do Futebol’, porém segundo Gastaldo internacionalmente o “futebol brasileiro é apreciado, mas é apenas uma das muitas coisas que identificam o Brasil. São estereótipos como praia, mulher, carnaval, religião afro-brasileira, capoeira. Muitos emblemas de identidade nacional são atribuídos ao Brasil”.

Agora vigora o futebol. Vem aí a Copa do Mundo no Brasil, em 2014; em seguida, as Olimpíadas, em 2016. É como se milhares de torcedores respirassem futebol...

Um legado para Natal

Por Felipe Araújo

A infraestrutura e a capacidade econômica de Natal têm sido alvo de críticas desde que foi escolhida como sede da Copa de 2014. Em matérias publicadas nos jornais locais, a cidade é vista como uma das sedes que fracassarão ao tentar sediar o evento daqui a três anos. O jornalista esportivo Juca Kfoury, em visita à cidade, declarou, em palestra ministrada na UFRN em abril de 2011, que não acreditava que Natal conseguisse sediar um evento tão grandioso como a Copa Mundial. De acordo com ele, a cidade corre sério risco de não conseguir sediar a Copa devido aos atrasos nas obras.

No entanto, para o coordenador da Secretaria Extraordinária para Assuntos da Copa 2014 (Secopa), João Fernandes, as notícias publicadas na mídia não mostram todos os lados dos preparativos para o evento. Segundo ele, Natal não deixou de cumprir nenhum prazo em relação à construção do estádio e

que a construtora OAS, responsável pela reforma do Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã), na cidade do Rio de Janeiro, já foi licenciada para realizar e também financiar as obras aqui. “Natal pode estar atrasada e pode chegar a perder de sediar a Copa, no entanto, não perdemos nada ainda”, diz ele. Para o estádio Arena das Dunas, que será construído no local do atual Estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado (Machadão), foram reservados R\$ 400 milhões. Aproximadamente 75% desse dinheiro sairão do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), que também irá financiar obras de outros estádios da copa no Brasil. O restante da quantia, cerca de R\$ 100 milhões, será de responsabilidade da construtora.

O custo do evento no Brasil ainda é tema de debate. Segundo o Governo Federal, os gastos serão de R\$ 26,1 bilhões. Para a controladoria Geral da União (CGU), o custo será de R\$ 24 bilhões. Cálculos atrativos se levarmos em conta os R\$112 bilhões estimados pela Associação Brasileira da Infraestrutura

e Indústrias de Base (Abdib). De acordo com um estudo realizado pelo Tribunal de Contas da União (TCU), mais de 80% do dinheiro total investido na Copa sairão dos cofres públicos. A Caixa Econômica Federal, o BNDES e a Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero) serão os responsáveis pela iniciativa pública. Segundo Fernandes, as obras do estádio em Natal serão uma parceria público-privada, no entanto, a maior quantia sairá dos cofres públicos federais, a outra parte através do aumento de arrecadação de impostos no Estado. A construtora licenciada, no caso a OAS, deverá ser a responsável pelo estádio Arena das Dunas por cerca de 20 anos após o término das obras, prazo estipulado para que o Estado possa garantir a compra do estádio.

Quando questionado a respeito de uma possível reforma no Machadão, Fernandes salientou que é mais econômico demoli-lo e construir outro estádio no local, devido ao tamanho da edificação, à estrutura das arquibancadas e ao gramado exigido pela Federa-

ção Internacional de Futebol (Fifa). Isso significa que uma vez que o dinheiro financiado terá que retornar aos investidores e, com esta nova estrutura, eventos deverão ser promovidos eliminando o risco de termos uma obra grandiosa em desuso. “Daqui a 20 anos, nossa cidade já terá crescido e se desenvolvido bastante, e poderá manter um grande estádio como esse”, prevê Fernandes.

Infraestrutura

Natal, assim como outras cidades sedes da Copa 2014, possui falhas na infraestrutura. Basta um dia com chuvas mais prolongadas para que certos trechos nas ruas alaguem. Basta um acidente em uma das avenidas, e o trânsito se torna mais lento na cidade. Hospitais também precisam de reformas, assim como outros prédios públicos. No entanto, só para obras ligadas à infraestrutura de Natal, estão destinados entre R\$ 3,5 a R\$ 4 bilhões. Com esse dinheiro, o Estado poderá investir em construções de um novo viaduto, reformas na Avenida Roberto Freire e no Aeroporto Augusto Severo, entre outras obras.

Para o aeroporto, serão destinados R\$ 16 milhões para reformas, juntamente com a construção de um terminal de passageiros, que custará cerca de R\$ 50 milhões. Além dele, estão previstas reformas no Porto de Natal, localizado no bairro da Ribeira, para a chegada de mais cruzeiros e consequente aumento de turistas do exterior.

Com relação à mobilidade urbana, estão previstos R\$ 530 milhões em investimentos: R\$ 400 milhões destinados à mobilidade em geral, como ônibus e alternativos e o restante ao Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), transporte econômico que facilitará o deslocamento na cidade em 2014.

Para hospedar todos os turistas, Natal não apresenta dificuldades. O mínimo exigido pela Fifa gira em torno de 11 mil leitos nos hotéis, e a cidade já dispõe de 26 mil leitos. O que se tem em vista para melhorar a hospedagem é a capacitação profissional para conversação em outros idiomas. Por isso, serão investidos R\$ 4 milhões em cursos gratuitos de línguas estrangeiras.





Patriotismo

Por Felipe Araújo

Pedro estava passando pela Prudente de Morais. O ônibus velho sacudia, fazendo os vidros das janelas baterem brutalmente. Fazia 37 graus, e ele teve a sensação de que estar dentro ou fora de algo coberto não fazia menor diferença: o calor estava em toda parte. Quando o veículo parou no semáforo, o rapaz pode perceber outro ônibus seguindo o sentido contrário ao seu na outra avenida. “Natal: cidade da Copa” se lia acima de seu para-brisa.

Faltavam apenas três anos para que em sua cidade houvesse os jogos da Copa de 2014. Pedro olhou em volta para as ruas, as calçadas, os carros, as motos, os pedestres. Não encontrou nada alemão, nem africano, nem japonês, nem francês. Pessoas com rostos variados passeavam pelas ruas e o sol que agora parecia emitir um calor de 40° C reinava sobre o céu azul sem nuvens. Aquela era sua cidade.

Em sua opinião, não via Natal como nenhuma das cidades que já sediaram a Copa do mundo. Ela era diferente. Distinguia-se de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Brasília. Ela era única. Mesmo com seus defeitos. O ônibus seguiu seu caminho, passando agora ao lado do estádio do Machadão. A antiga construção ainda estava lá, esperando para ser demolida. Pedro tocou no seu antebraço direito onde ainda havia uma cicatriz que conseguira em uma briga ao assistir a uma partida de seu time no antigo estádio, que já fora palco de violência, sim, mas também palco de grande vibração, alegria e lágrimas.

Ele se lembrava de assistir a seu primeiro jogo de futebol em estádio. Era apenas mais um garoto fanático por futebol. Uma multidão tremia as arquibancadas, o som dos gritos ecoava em seus ouvidos até hoje. Foi uma experiência inesquecível. Mas ao ver o estado da construção teve que admitir que seus momentos já passaram. Já não havia mais o sentimento de patriotismo nos cidadãos de Natal. Os pais não levavam mais seus filhos para

assistir a uma boa partida de futebol com medo de que eles pudessem sair machucados dali. As pessoas não respeitavam mais o estádio. As paredes eram usadas como mídia pelos pichadores para lembrar a quem passava por ali que ainda existiam gangues nas ruas.

Pedro achava que talvez, com a demolição do Machadão, novos horizontes surgissem. Novas emoções e histórias como a dele poderiam ser contadas mais à frente. Como ávido leitor de jornal, ele gostava de novidade.

O ônibus seguia pela avenida. O rapaz já chegava a seu destino. Ao longe já se via a movimentação de seus colegas. Ao descer na parada, próxima ao Centro Administrativo, foi logo se dirigindo ao seu destino: a Governadoria. A manifestação passiva já tomava conta de quase toda a entrada do prédio. Bandeiras eram erguidas. As mulheres estavam sentadas embaixo de suas sombrinhas usando camisetas do manifesto. Alguns seguravam faixas nas quais se liam apelos populares.

Pedro tirou da mochila a sua bandeira.

Para que houvesse sua tão esperada Copa, era preciso organizar a casa. E ele sentia que era seu dever de cidadão cobrar isso do governo. Não apenas para os jogos, mas também para que tudo esteja bonito, limpo, seguro e pronto para os visitantes que estão por vir. Porque a primeira impressão é a que vai ficar.

Machadão não chegará aos 40

por Larissa Moura

Por 39 anos, João Cláudio de Vasconcelos Machado, ou simplesmente Machadão, foi o principal e maior estádio do Rio Grande do Norte. Concluído em 1972, foi projetado pelo arquiteto Moacyr Gomes da Costa, natural de Caicó, e licitado com dinheiro público. Na época, o então governador do Estado, Cortez Pereira, homenageou a obra definindo-a como “o poema de concreto”.

Projetado para até 52 mil pessoas, o Machadão teve sua inauguração com a disputa entre dois times de Natal, ABC e América, em que o primeiro estreou ganhando com o jogador William Alves de Oliveira, que marcou 1 x 0 para o ABC, aos 20 minutos do primeiro tempo. “O nosso sistema de jogo – o técnico era Wallace Costa – previa duas opções: quando Alberi caía pelo lado direito, quem

penetrava era Gonzaga. Quando o negão chegava pela esquerda, quem penetrava era eu. E numa dessa, Alberi puxou os zagueiros Cláudio e Djalma e lançou. Dominei no peito e toquei com calma, no canto, e o goleiro (João de Deus Souza) ficou na saudade... Não dá nem pra contar a emoção do primeiro gol”, descreve o jogador, homenageado numa reportagem do site oficial do ABC.

Em 2007, o estádio passou por uma reforma estrutural, a maior de sua história, que custou R\$ 17 milhões aos cofres públicos. Além de já ter sediado a Mini Copa do Mundo, em 1972, o Campeonato Potiguar de Futebol, a Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro, o Machadão recebeu em seus arredores o Carnaval, a segunda maior Micareta do Brasil e, periodicamente, circos e parques de diversão. Em 2011, a participação de Natal na Copa do Mundo de 2014, principalmente em assuntos

como a demolição do Machadão, tem rendido uma série de comentários otimistas e pessimistas a respeito do evento. Talvez por se tratar de uma discussão que não envolve apenas amantes do futebol.

Os trabalhos para a retirada de materiais internos do estádio começaram no início de julho, quando toda a praça esportiva, incluindo o ginásio Machadinho, erguido em 1992, foram cercados. Os preparativos para a demolição do complexo estavam previstos para o início de julho quando o governo do Rio Grande do Norte anunciaria o edital das medidas de segurança para a implosão do estádio.

De acordo com a Secretaria Extraordinária para Assuntos da Copa (Secopa), a cobertura e toda estrutura circular do estádio, onde se encontram as cadeiras, serão demolidas por implosão. Já a parte inferior e o ginásio Machadinho serão demolidos de forma mecânica.



Imagem extraída do Novo Jornal, edição de 26/11/2011

Entrevista

O poeta de concreto

Por Larissa Moura

Amante de futebol e poesia, Moacyr Gomes da Costa foi um dos fundadores do Conselho de Planejamento Urbano (Conplan) em Natal, professor de engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e secretário de planejamento urbano da capital. Um dos principais arquitetos do Estado, é responsável pelo projeto do estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado, o famoso Machadão.

Recebida por Laura e Guga, um simpático casal de yorkshires, atravessei um estreito jardim onde três grandes e alvos gansos me encaravam sem cessar. Entrei num pequeno ateliê, ao lado da garagem da casa, que me parecia acomodar um engenheiro cheio de trabalho. Ao meu lado, estava ele. Moacyr Gomes, que aos 84 anos, possui grandes obras, grandes histórias e um grande coração.

Crédito Larissa Moura



O arquiteto e mais uma de suas criações. Crédito Larissa Moura

Filho de natalenses que moravam e se conheceram em Caicó, Ligia de Miranda Gomes, que acompanhava seu pai, tesoureiro da receita estadual, e José Gomes da Costa, advogado, então promotor público na cidade, aos dois meses de vida, mudou-se para a capital com os pais, onde estudou até o ginásio, atual ensino médio. Durante a Segunda Guerra Mundial, trabalhou com os soldados americanos na famosa base naval de Natal, à margem direita do Rio Potengi.

Em 1946, no dia de Santos Reis, segundo o calendário cristão, o pai, aflito, deixara Moacyr no cais do porto, onde embarcaria para o Rio de Janeiro para viver com o tio, na época professor de engenharia da Pontifícia Universidade Católica. Com ajuda da família e amigos, seu José conseguira 500 mil réis para a passagem do primogênito, que fora de navio para a cidade maravilhosa, onde se formou em arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). “Meu tio me fez um teste vocacional e disse ‘olha, você até poderá ser um bom engenheiro, mas tem mais vocação para arquiteto’. Eu tive duas universidades. A UFRJ, que me deu o diploma. E a do meu tio, que me deu a experiência necessária para ser o que sou hoje”, conta.

Com traço firme, ele confessa que hoje não consegue parar de trabalhar. Quando entrou no mercado de trabalho, tinha expediente de 12 horas por dia. Hoje, mais de 50 anos depois, garante trabalhar 10. Mas já tirou seu nome da lista telefônica. Não precisa mais de vitrine. As pessoas já sabem quem ele

é, e os amigos, onde encontrá-lo. “Hoje me sinto muito mais lúcido e seguro do que há 40 anos. Esse trabalho pra mim hoje é muito mais uma terapia ocupacional, entende?” pergunta com um sorriso no canto do rosto.

Explicando-me sobre a diferença entre um arquiteto e um engenheiro, ele se empolga. Como uma régua de esquadros, Moacyr desenha com as mãos enquanto explica a técnica exigida a um engenheiro que deve fazer acompanhamento de todas as etapas de construção ou reabilitação do espaço. Já o arquiteto é uma espécie de designer, cuida da ideia, da inspiração do projeto, organização e estética. Quando lhe questiono sobre como acontece a criação de suas obras, não hesita: “é uma coisa muito subjetiva, que depende muito da inspiração. Como diz o grande poeta Noel Rosa ‘ninguém aprende samba no colégio’, se eu sou sambista é porque eu nasci sambista, assim como o arquiteto, já nasce arquiteto”, comenta. Assenti, pensando na teoria.

Descobri, assim, um arquiteto amante de música e poesia. Sempre tem em mente, mesmo não lembrando o nome do autor, frases de impacto para completar as suas. No último dia das mães, escolhera uma poesia de Carlos Drummond de Andrade para prestar uma homenagem no túmulo da mãe. Mas possui um escritor predileto, Augusto dos Anjos – poeta paraibano conhecido como um dos mais críticos de seu tempo. “Augusto foi conhecido como poeta do amor, ou poeta da tragédia, mas para mim ele é de uma perfeição... até para escrever um fato trágico ele

fazia com tal beleza que você não encontra a tragédia na história, entende?” me diz alargando o sorriso.

Quando morava no Rio, os esportistas de Natal diziam que Moacyr iria fazer o projeto do complexo esportivo de Natal dar certo, porque o governador o tratava como um filho. Assim, ele conversou com o então governador do Rio Grande do Norte, Dinarte Mariz, sobre a possibilidade de construção de um grande complexo esportivo em Natal, já que os ginásios não atendiam mais a demanda da cidade. Mas ainda precisavam da doação de um terreno. No local onde foi construído o Machadão existia apenas mato, algumas granjas e 33 poços de abastecimento de água da cidade. Encaminhado para o Rio de Janeiro, consegui voltar respaldado com uma declaração do Dr. Saturnino de Brito, dizendo que nada tinha a se opor quanto à doação do terreno. E assim foi dado o primeiro passo para a construção do estádio. “Depois terminei o projeto e comecei os trabalhos com Agnelo, Ernandes Silveira, João Machado... foi uma luta que durou muitos anos, mas que, no final, deu tudo certo”, lembra.

Depois de formado, o governador do Dinarte Mariz o convidou pra fazer o projeto do estádio. No contrato, ficou definido que ele passaria pelo menos 30 dias em Natal a cada semestre. Mesmo assim, entre as rodas de conversa, conta que o governador sempre o apresentava aos amigos do RN e até da região do Seridó, interior do Estado, pois sabia

de sua origem. “Até que um dia ele me convenceu, eu vim pra cá, casei, tive meus filhos e não saí mais. O motivo de eu vir pra cá era maior do que o amor que eu tinha pelo Rio de Janeiro”, confessa.

Com quase quarenta anos de idade e três noivados malsucedidos, Moacyr se definia como uma semente que iria apodrecer sem nunca produzir nada. Mesmo assim, não havia queixa das moças “teriam sido três esposas fantásticas, não tenha dúvida, o erro era meu. Mas eu não era um mau sujeito, era apenas um desarrumado. Minha vida pessoal era muito indefinida”, explica ele. Até que numa noite de verão, na saída do Cinema Nordeste, “me passa uma mocinha de 20 anos. Uma menina. Olhou pra mim, insistentemente, e eu, claro, achei ela uma figura interessante e retribuí. Ela pegou um bondinho, saltou lá perto do hospital das clínicas... Eu saltei e abordei-a. Logo começamos a namorar por telefone. E estava escrito que tinha que ser ela, porque tudo contribuiu pra que fosse ela. E hoje eu vi que ir atrás daquele bondinho foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida”.

Íris Silveira Gomes da Costa, dona de casa, é o maior motivo da preocupação de seu Moacyr hoje. Com pouco mais de 60 anos, começa a sentir as primeiras sequelas do tempo, tais como as constantes dores na coluna. “Aí eu não durmo”, ri o marido, ao lado da foto da esposa em um dos seus últimos aniversários. Como estava “atrasado”, logo após o casamento vieram os três filhos. José Neto, Flávio, Eduardo e, quinze anos depois, Maria

da Graça. “Nenhum deles seguiu engenharia. Dois são advogados, o outro comerciante e a caçula, forma-se em Psicologia em 2011”.

E assim como seu casamento, o Machadão foi um sucesso total. Ele passou a ser o ponto de referência da cidade, toda a sociedade se deslocava pra lá “era o point da cidade” diz, cheio de orgulho. “Nos jogos de sábado e domingo, até as senhoras iam pro estádio. Pela primeira vez na vida eu vi mulheres num campo de futebol em Natal. Elas traziam suas toaletes bonitas para desfilar. Era uma época memorável”, lembra, com brilho no olhar.

Em 1992, o Machadão ganhou um irmão mais novo, o Machadinho, ginásio que já fazia parte do projeto inicial, mas que não saiu bem como planejado. “Quando fiz o projeto original, era um complexo olímpico. Um estádio de futebol com ginásio, piscina olímpica, alojamento... uma minicidade olímpica. Então, por conta desse projeto, eu fui chamado pela prefeita da época para fazer a segunda peça, o ginásio Machadinho. Só que não fiz como eu planejava, porque já tinham criado aquele kartódromo, atrás do estádio, dois anos antes. Assim, pra não arranjar problema, arrumei um cantinho ali do outro lado. Não fiquei satisfeito, mas de qualquer maneira era um bom ginásio. Só não estava dentro da minha vontade”.

A paixão pelo futebol pode ser hereditária. Talvez uma herança do pai, o advogado José Gomes, também ex-jogador e ex-presidente do América de Natal. Quando mais jovem, um amigo que jogava pelo Flamengo no Rio

de Janeiro o convidou para tentar uma vaga no time, mas, apesar da chance, constatou “eu sou um rapaz pobre, vim aqui pra poder arranjar um emprego e poder me sustentar. Eu tenho um tio que me ajuda e me deu um emprego, e é com esse emprego que eu tenho que pagar meu cursinho e me sustentar. No futebol, até eu me tornar um jogador de expressão e o clube me passar a pagar um salário bom, eu já terei perdido minha oportunidade de estudar. Ou eu faço uma coisa ou faço outra”. Foi aí que Moacyr chegou à conclusão do destino de sua carreira. Ele viraria um arquiteto especializado em equipamentos para futebol. “Pensei, já que eu não vou jogar, eu vou fazer um palco para os caras jogarem”, comenta.

“Quando estava no meio do meu curso, ainda apaixonado por futebol, o Maracanã estava em fase de acabamento para a copa do mundo de 1950. Com as obras atrasadas, o acesso ao estádio era totalmente restrito aos profissionais envolvidos na construção”. Mas, curioso e sabendo que um de seus professores, Pedro Paulo de Melo Bastos, era arquiteto do Maracanã, Moacir pediu permissão para acompanhá-lo num dia de trabalho. E assim foi, logo após a aula. “Ele me botou dentro do carro e me levou. Lá ele dedicou mais de uma hora pra me explicar tudo o que estava sendo feito. E ainda me deu uma pilha de apostilas sobre o assunto, nas quais detalhava como eram feitas as medidas, o escoamento de tubo, a acústica... enfim, deu-me um mestrado”. Coincidentemente, no último

Moacyr Gomes conta a história do estádio



Foto da obra do Machadão por volta de 1967

“Pacheco, então administrador do Palácio dos Esportes, Rubens Ferreira Campos, excelente desenhista que superou todas as dificuldades da tecnologia da época e desenhou todo o projeto arquitetônico do estádio, a mão livre, em seguida os engenheiros José Pereira da Silva e Helio Varela de Albuquerque, Moacyr Gomes, João Machado, Aluizio Menezes, Humberto Nesi, Agnelo Alves, o verdadeiro pai do estádio, Ernani Silveira, Erildo L’Erestre Monteiro, Everaldo Lopes, José Alexandre Garcia, o topógrafo João Alves Santana e Rossine Azevedo”. (Moacyr Gomes)

ano de faculdade o mesmo professor lhe apareceu como professor orientador para o projeto de conclusão de curso.

O Pedro Paulo, ao reconhecê-lo, lhe disse “já que você demonstrou tanto interesse em arquitetura esportiva, vou lhe dar uma sugestão, faça seu trabalho em cima de um complexo dedicado ao esporte – de preferência olímpico. De onde você é?”, indagou o orientador. “Sou de Natal”, respondeu. “Quantos habitantes tem por lá?”, ao passo que replicou: “acredito que 150 a 200 mil habitantes” e o professor lhe deu a ideia embrionária que daria vida ao Machadão. “Então faça um estádio pra 50 mil”. Foram 12 dias de trabalho. A cada etapa entregue, o professor botava o papel na mesa, rubricava e grampeava. No

fim do prazo o projeto estava pronto. Ao ver o projeto concluído, o professor pronunciou as primeiras palavras de admiração: “mas rapaz, que coisa linda”. A frase já justificava a aprovação do projeto com a nota máxima. Em sua última aula, Pedro Paulo pediu para que os autores dos melhores projetos os apresentassem para a turma. Na vez de Moacyr, ele apresentou a seguinte explicação: “Em primeiro lugar, não fiz esse projeto como arquiteto. Eu fiz como torcedor. Daí a razão dele ser estranho. O torcedor não gosta de sentar nas cabeceiras, ele gosta de sentar nas laterais, então partindo dessa premissa, projetei um estádio que tivesse uma grande quantidade de cadeiras de um lado e do outro e ia diminuindo na medida em que eu fizesse a curva. Aí o que eu

fiz: peguei quatro retângulos, dois maiores e dois menores, e juntei. Ficou medíocre, sem expressão. Aí juntei minha ideia através de uma forma geométrica contínua, escrevendo uma elipse falsa dentro de um círculo. Ou seja, as arquibancadas seguem o desenho de uma elipse (que é um ovo), mas ela é limitada por um círculo. A elipse tem quatro raios, o círculo só tem um (o centro), então na medida que cada raio da elipse se encontrava com o raio do círculo, morria um degrau. E o segundo morria mais à frente” me explica facilmente, como quem já contara essa história por quase meio século.

Depois das apresentações, Pedro Paulo lhe deu mais um conselho: “Mas rapaz, o ovo de Colombo! Muito bem, meus parabéns! Se um dia você tiver a oportunidade de desenvolver um projeto de um estádio, não se esqueça de desenvolver essa forma”. Anos depois, no jogo inaugural do Machadão, Moacyr não esqueceu seu antigo professor e tentou convidá-lo como hóspede de honra para que pudesse estar presente no evento. Ligou para um colega do Rio pedindo notícias do professor. Mas ele já não estava mais lá. Falecera meses antes.

O estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado foi inaugurado no dia 04 de junho de 1972. Na véspera, os engenheiros envolvidos no projeto trabalharam até a madrugada. Havia um torneio pela manhã. A Seleção Olímpica Brasileira viria jogar contra o Vasco da Gama. E o jogo de fundo seria o ABC e o América, os dois principais times da cidade. Então, toda a turma da engenharia estava lá,

preparando os últimos detalhes da festa de logo mais. “Às duas horas da madrugada só tinha eu, outro engenheiro e o vigia. Na hora da gente ir pra casa chegou um caminhão para entregar uns móveis do vestiário dos atletas e não tinha ninguém pra descarregar. Tirei a camisa, meu colega também e fomos carregar o mobiliário até os vestiários para que no outro dia estivesse tudo arrumadinho, tudo no lugar”, relata Moacyr.

E essa somatória de emoções se estendeu no dia seguinte. E tanto que às sete horas da manhã Moacyr já estava lá, na subestação, testando se os refletores estavam funcionando. “Saí de lá ao meio-dia, peguei minha mulher, comi qualquer coisa e voltei para o jogo. Quando eu cheguei ao estádio, olhei os portões e vi uma multidão que eu nunca imaginei ver. Estava lotado. Foi uma coisa emocionante, uma tarde bonita, toda a sociedade compareceu”. E assim foi dado início a uma nova etapa no futebol norte-rio-grandense.

Por volta de 10 ou 15 anos depois, ele já não era frequentador assíduo dos jogos. Faltava-lhe companhia fraterna. No início, os filhos queriam acompanhá-lo pra tomar refrigerante e comer bagana. Depois, ficaram rapazes e os programas passaram a ser outros como praia, shopping, namorada. Ao pai coruja restaram os jogos pelo rádio ou pela TV de casa. E assim como ao criador, os anos fizeram com que a solidão também atingisse a criação. Nas administrações que se sucederam, o Machadão foi sendo deixado de lado e sofrendo com a deterioração. Nem mesmo a última reforma

realizada em 2007, foi suficiente para livrá-lo do caminho do fim. De forma que 40 anos de história foram pelos ares.

Outras alternativas poderiam ser cogitadas para que o estádio sobrevivesse à Copa do Mundo de 2014, tais como transformar o Machadão num museu e numa escola de formação de atletas. O espaço poderia ser aproveitado para a instalação de equipamentos de atletismo, uso já previsto em seu projeto. “Ele poderia ter uma utilidade enorme que era pegar a juventude, tirá-la do meio da rua, das drogas, e colocá-la numa escola de formação de atletas. Não tinha que gastar mais nada, já estava pronto. Acho uma coisa insana você falar em progresso, derrubando uma coisa que você já tem. A não ser que fosse o único lugar, mas Natal tem 280 km². Será que você não encontra um lugar pra construir um estádio?”, questiona o arquiteto, dessa vez sem brilho no olhar e com poucas expressões corporais, apenas sinais de cansaço.

E é com esse intuito de protesto e indignação com argumentos fortes e palavras agressivas que Moacyr Gomes defende sua mais importante obra. Obra em que ele está presente desde o processo de criação, busca do terreno e até na composição da equipe que o construiu. “E de repente, no apagar das minhas luzes, eu vejo que esse meu filho encontra-se no corredor da morte, condenado, sem direito à defesa. Pra dar lugar a uma Arena que dizem que vai transformar Natal na cidade mais fantástica do mundo, o que na verdade não vai acontecer. Na África prometeram

a mesma coisa e não aconteceu. Natal, Rio de Janeiro, Belo Horizonte... Todas essas cidades estão caindo no mesmo conto do legado. O legado que eles vão deixar é só isso, muito dinheiro gasto e muita dívida, que vai sair do bolso da gente”, destaca, chamando atenção.

A Câmara da Cidade do Cabo, na África do Sul, um ano após ter sediado a copa, chegou a cogitar a hipótese de mandar desmontar o estádio, já que sairia mais barato do que gastar uma verba anual enorme para conservá-lo sem uso. Tomando como exemplo a África do Sul, o novo estádio potiguar também corre sério risco de representar apenas mais um gasto público. Além da verba gasta para manutenção do estádio, a área onde ele foi construído é constantemente alagada em dias de chuva. O endereço é também uma das principais vias de acesso da cidade e um dos pontos mais conturbados do trânsito de Natal. “Hoje um urbanista sério jamais faria um projeto deste porte naquele local. Veja o que estão fazendo, estão complicando o problema, para poder gastar no problema tentando o resolver. Não era muito mais fácil você evitar o problema?”, protesta.

Moacyr Gomes, desde que a demolição do Machadão fora cogitada, por muitas vezes apareceu na mídia destacando esses argumentos e tentando mobilizar a população contra a derrubada do que hoje, mais que um estádio de futebol, é um patrimônio público e cultural para a história da capital potiguar. Vários amigos se juntaram a ele na luta, mas o arquiteto, que chegou a ter problemas de

saúde por conta do estresse causado pelos protestos, já se conformou com a decisão das autoridades. No início do nosso encontro, um dos seus primeiros comentários sobre o Machado foi este: “Agora, quanto mais rápido demolirem melhor. Acaba com essa minha aflição”. Hoje, prefere não se expor e não quer mais falar com a imprensa. Mesmo assim me dava a todo o momento conselhos sobre como ser uma boa jornalista.

“Tem muita coisa envolvida, que você é muito novinha pra tomar conhecimento agora, mas é bom ficar esperta! Ainda mais porque um dia você como jornalista vai precisar ter a sua própria opinião. Mas no momento não é bom encher sua cabeça com essas coisas não, porque uma criatura jovem que começa a ouvir essas coisas do lado sórdido da vida pode ir criando um desânimo. A gente tem que ir alertando o jovem aos poucos porque, se você botar o olho direitinho no ser humano, você pede pra ir embora daqui. Não aguenta mais”, alerta ele em tom de desabafo.

Quebro o clima. E encontro de volta o brilho no olhar e a euforia nas mãos quando lhe pergunto, dentre tantas, qual sua obra preferida hoje. “O pórtico de entrada da cidade, aquela estrela cadente. Ela, como inspiração arquitetônica, foi a melhor de todas. Mas é a mais abandonada. Aquela vai cair qualquer dia desses na cabeça do povo porque não tem tratamento nenhum, está entregue às baratas”, diz, decepcionado, mas continua: “Ela tem uma lógica interessante. Quando a prefeita me pediu que a fizesse, Natal iria

completar 400 anos, em 25 de dezembro de 1999. Então me pediram pra fazer um pórtico monumental para comemorar. Foi a inspiração mais fácil de todas. Eu pensei: Natal se chama Natal porque ela foi fundada na data do nascimento de Cristo, e então nós temos uma relação com a data cristã. Partindo da história, houve o nascimento de Cristo e os reis magos, quando souberam da notícia, seguiram a estrela de Belém. E foi assim que imaginei o desenho”, revela.

O reconhecimento do pórtico veio em grande estilo. “Em 2004, eu e meus amigos arquitetos do Rio de Janeiro, comemoramos 50 anos de minha turma. Me ligaram e exigiram que eu fosse para o Rio, pra despedida dos colegas. Nas nossas bodas de ouro, só tinha metade da turma. O resto já estava velho ou morrendo. Assim, aquele foi nosso último abraço. E nessa reunião, na sede do instituto onde teve um almoço, um colega havia passado por Natal e, sem eu saber, tirou várias fotos do pórtico. No intervalo do almoço projetaram-nas na parede. E ele começou ‘passei por Natal, não sabia que Moacyr estava lá, vi esse pórtico, me apaixonei por ele, tirei foto e depois é que eu soube que era de autoria do nosso colega que está aqui presente’. Aí foram aqueles aplausos. Uma das maiores emoções que vivi nos últimos sete anos. Eu considero que na minha carreira profissional, diante das próprias limitações que a vida me impôs, eu sou um vitorioso. Eu consegui fazer as coisas que eu gostaria de ter feito. Os outros dizem ‘esse cara é louco, parece que

quer transformar o mundo’. Por que não? Por que não eu? Por que não você?”, indaga em tom reflexivo.

Sobre um simpático e feliz senhor que, numa tarde de quarta-feira, se dispõe a ficar conversando com uma mocinha sobre a vida, só me resta encerrar este texto tal como lhe agrada. Seu poeta predileto me empresta suas palavras:

Trecho: O vencedor – Augusto dos Anjos
*[...] Meu coração triunfava nas arenas.
Veio depois um domador de hienas
E outro mais, e, por fim, veio um atleta,*

*Vieram todos, por fim; ao todo, uns cem...
E não pôde domá-lo enfim ninguém,
Que ninguém doma um coração de poeta!*

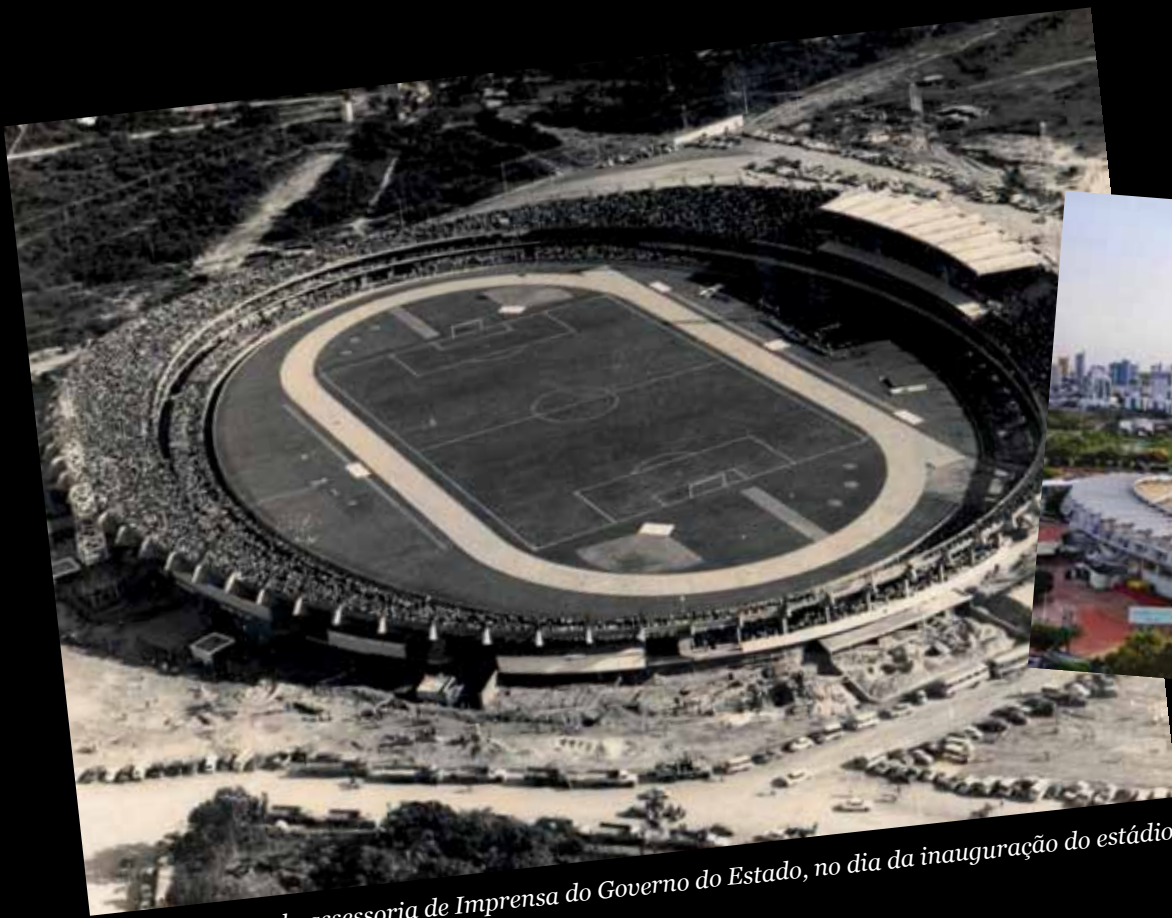


Imagem cedida pela assessoria de Imprensa do Governo do Estado, no dia da inauguração do estádio



*Imagem do arquivo do jornal Tribuna do Norte
Machadão, ainda presente na cidade de Natal*

Assim chega o Arena



Por Larissa Moura

Em 2007, o Brasil foi escolhido para sediar a Copa do Mundo de 2014. Dono de cinco títulos mundiais, dois vice-campeonatos, e ainda o único país a participar de todas as edições anteriores, desde o início, já era apontado como favorito para sediar o campeonato seguinte ao da África do Sul. A primeira copa sediada pelo Brasil aconteceu em 1950, quando a seleção perdeu para o Uruguai na final, e teve partidas disputadas em seis capitais. Na Copa de 2014, a moral e o número de cidades-sede dobraram. Mas os problemas, também.

Atrasada para o início das obras, a capital potiguar será dona do estádio Arena das Dunas, projetado pela norte-americana Populous – empresa internacional especializada em arquitetura de edifícios de esporte e planejamento de eventos – sob a coordenação do arquiteto Aníbal Coutinho. O estádio foi orçado inicialmente em R\$ 309 milhões, pos-

suirá 45 mil lugares e pelo menos 7 mil vagas de estacionamento. O tempo de evacuação em caso de emergência também está dentro das normas da Fifa: 4 minutos.

O complexo será construído por meio de uma parceria público-privada, pela construtora baiana OAS, e será erguido no lugar do estádio Machado e do ginásio Humberto Nesi (Machadinho). O estádio Arena das Dunas venceu o 6º Prêmio de Arquitetura Corporativa na categoria Obra Pública e o prêmio Master (geral).

Logo depois da definição das cidades-sede, a Fifa afirmava que as reformas ou construções dos estádios deveriam começar no máximo até o dia 31 de janeiro de 2010. Já o prazo final para a entrega definitiva de todos os estádios em plenas condições de uso, no dia 31 de dezembro de 2012, para que no ano seguinte o Brasil conseguisse sediar a Copa das Confederações. Porém, em julho de 2011, com menos de três anos até o início dos jogos,

Natal se prepara para dar início à construção do seu complexo esportivo, o Arena das Dunas, e todo o projeto de mobilidade urbana que a arquitetura envolve.

As obras para a Copa do Mundo também representam para muitos uma tentativa de assegurar obras importantes como a conclusão do Aeroporto de São Gonçalo do Amarante, que representa investimento de R\$ 1 bilhão, e a ampliação do terminal de passageiros do porto de Natal, com investimento de aproximadamente R\$ 200 milhões.

Por outro lado, existe ainda a possibilidade de obras como a do novo estádio se tornarem mais um “elefante branco” para a capital potiguar, já que apenas shows periódicos e o futebol local não dariam conta do custo da sua manutenção. Além disso, os dois principais times do Estado já tem lugar pra treinar. O ABC Futebol Clube possui seu estádio oficial, e o América tem previsão para construção de sua sede nos próximos meses.

Cultura, Gastronomia e Festa

Ribeira, **“velha de guerra”**

Por Luciana da Costa Lopes

No bairro histórico da Ribeira, localizado da zona leste de Natal os arranha-céus ilustres e as edificações decadentes sinalizam contrastes. Vizinho do bairro das Rocas, lugar de gente humilde, que joga damas na praça ao lado da feira livre e convive com o esquecimento, mais ao leste, Petrópolis local onde ficam os restaurantes e lojas sofisticadas. O centro comercial fica logo ao sul, Cidade Alta. Se você diminuir o passo e der uma olhada ao redor, é possível observar pequenos pedaços da antiga cidade em meio ao comércio barulhento.

Velhos becos

Chego àquela que foi a velha rodoviária de Natal. Hoje existe uma praça bonita onde antes havia apenas lixo e monumentos depredados. A praça fica ao redor do teatro mais importante da cidade, aquele que todos conhecem, muitos falam, mas apenas uma pequena parcela da população se dá ao luxo de entrar. Trata-se do teatro Alberto Maranhão. Volto minha atenção para o lado oposto da bonita praça e é nítida a diferença. Estabelecimentos caindo aos pedaços. Falta muito para

um dos shows (que acontecem pelo bairro) começarem, mas os indícios de que em instantes será noite me fazem apressar o passo. Finjo não me importar com ninguém e caminho apressadamente em direção à Rua Chile, impregnada pelo cheiro de peixe. Qualquer sinal de vida ao redor dos becos sujos que tenho que atravessar é a deixa para andar mais depressa. A pequena aglomeração de pessoas já pode ser vista e toda a tensão se vai. Todos são conhecidos, cidade pequena.

Diversidade. Essa é a primeira palavra que vem em mente quando chegamos ao bairro da Ribeira. A precariedade das estruturas ou a constante apreensão ao passar pelos becos estreitos que cortam o bairro são totalmente deixadas de lado e dão lugar a vontade de apreciar uma boa noite regada a música, cultura e boa companhia.

O nosso ponto de cultura

O bairro da Ribeira há muito deixou de ser apenas o centro histórico de Natal. Hoje em dia, com seus bares, boates e casas de shows que atraem cada vez um público maior e mais diversificado, passou a ser conhecido como o Centro Cultural de Natal. Também não é por menos. Vontade por parte dos donos dos estabelecimentos não falta. Por mais que as leis de incentivo a cultura não cheguem a todos, ninguém fica parado. Shows de rock, pop, samba, chorinho, apresentações de teatro, ou até mesmo grandes eventos como o

Festival DoSol e o Circuito Ribeira (a nossa virada cultural mensal), acontecem nas ruas estreitas. Os estilos são diferentes, mas todos estão lá para compartilhar algo em comum, seja uma conversa, uma música, um copo de cerveja, uma vontade de se distrair.

Há aqueles que querem sair para encontrar os amigos e conversar na mesa de um bar, de preferência ouvindo boa música e bebendo uma cerveja gelada, não importa se for a do ambulante ao lado. Banda tocando, interior lotado, rua abarrotada de gente que não conseguiu lugar para sentar, samba de raiz, chorinho, jazz. O Buraco da Catita conseguiu em pouco tempo se tornar o ponto de encontro dos jovens de Natal. Claro, daqueles que apreciam a música tocada pelos novos e velhos artistas potiguares. Diferentes gerações unidas em prol da cultura, que se encontram para falar de música, teatro, política, banalidades, casos e acasos.

Outros preferem algo menos casual e mais barulhento. Guitarras, bateria, cerveja quente, bigodes, amigos, o carrinho de cachorro-quente que aceita cartão de crédito Visa. O DoSol Rock Bar é figura carimbada quando estamos falando de entretenimento na Ribeira. Não é preciso entrar, a maioria dos jovens prefere ficar do lado de fora, encontrando e desencontrando conhecidos. Mas isso não o faz menos importante, pelo contrário. A liberdade é o charme, é o que atrai cada vez mais jovens e torna o DoSol uma das melhores pedidas para um sábado a noite.

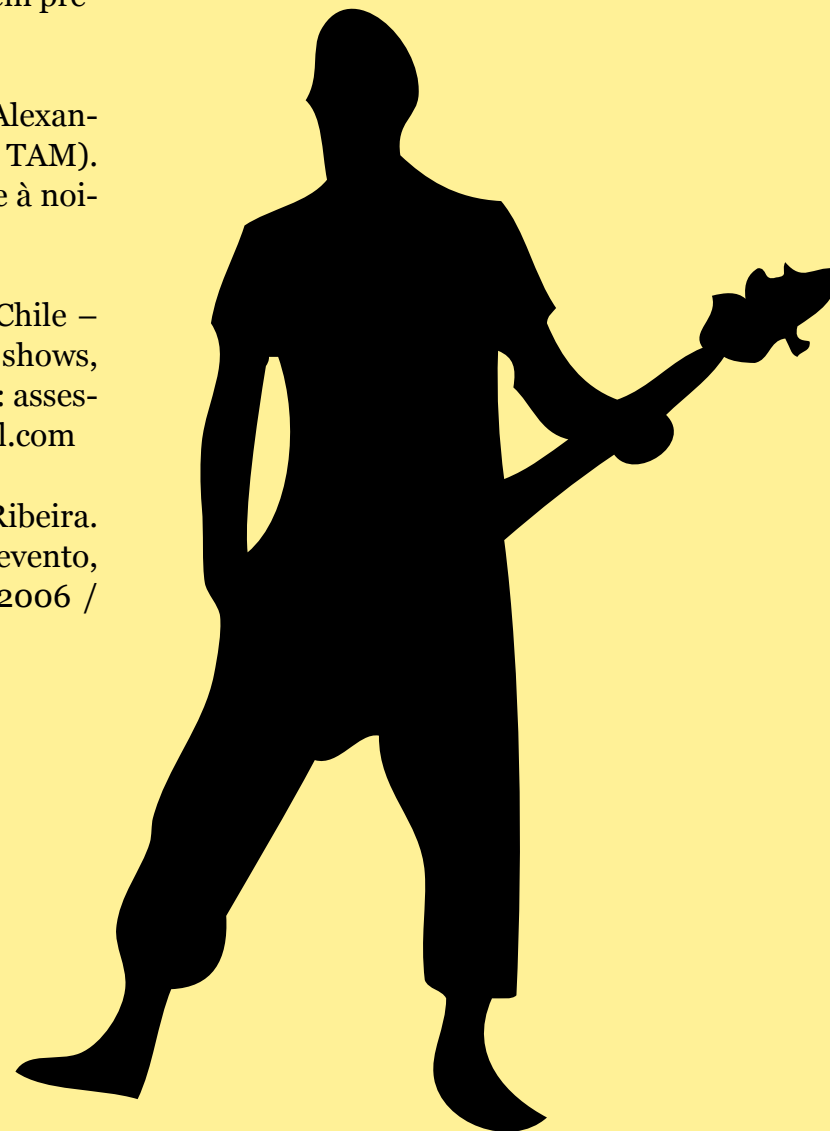
Já a maioria fica no final da rua. De longe é possível ouvir as batidas ritmadas e os gritos

dos que esperam para entrar. O Galpão 29 há muito deixou de ser apenas uma boate pop e passou a atrair cada vez mais o público LGBT de Natal. Funk, pop, discotecagem indie, batalhas de divas do pop quase toda semana. Para aqueles que querem se divertir sem preconceito, a Ribeira é o lugar.

Buraco da Catita: Travessa José Alexandre Garcia, 95, Ribeira (próximo ao TAM). Funciona de quinta a sábado, somente à noite. Telefone: 9602- 9331

DoSol Rock Bar: Largo da Rua Chile – Ribeira. Funciona apenas quando tem shows, sempre pela tarde e/ou noite. Contato: assessoria@dosol.com.br, focadosol@gmail.com

Galpão 29: Largo da Rua Chile – Ribeira. Funciona apenas quando há algum evento, sempre à noite. Telefone: (84) 9135-2006 / 8882-8062



Gastronomia

Por Liliane Silva Félix

Comer. Essa palavra não se refere apenas ao ato de alimentar-se para sobreviver, vai além. Extrapola o simples comer por comer, envolve o comer por prazer. Comer sentindo o aroma daqueles bolos que lhe remetem à infância, à casa da avó, às reuniões em família, ouvindo o canto dos pássaros, o chiado da panela, o crocante do torresmo, carnes que de tão macias derretem na boca, inebriando a quem nunca as experimentou. Sentir as diversas texturas dos doces de frutas da época, mesclados com sua calda brilhosa e divina, que deitados sobre pedaços de quei-

jo de coalho ou de manteiga transformam-se em sobremesas inigualáveis. Todas essas recordações vêm à mente quando se trata da culinária potiguar, que além de alimentar, faz você reviver emoções, encontros, lembranças do passado, sabores e aromas que não se encontram em lugar algum do mundo.

A culinária potiguar é repleta de sabores diferenciados, no entanto muito simples. Podemos apreciar desde a carne de sol à lagosta, bolos típicos, como o de macaxeira com coco, batata, bolo preto, bolo de milho, até os refinados macarons franceses. Não esquecendo os doces e compotas de frutas da região, como o doce de caju, de banana, de abóbora com coco, de leite e de mamão com coco, acompanhados ou não dos divinos queijos de coalho

ou de manteiga. Outra iguaria é a manteiga de garrafa, ou manteiga do sertão, que dá um toque todo especial ao feijão-verde, à macaxeira e à carne de sol.

Potiguares

Devem ser potiguares, como diziam os portugueses, derivado de potiguara, papa-camarões, apelido de uma nação dos tupis do Nordeste [...]. Hans Staden (Viajante e cronista alemão – séc. XVI).

Somos potiguares, que em tupi-guarani significa “comedores de camarão”, descendentes dos Tupis que habitavam as margens do Rio Paraíba do Norte. E nosso apelido é papa-jerimum, nome decorrente do fato de que os antigos presidentes da província pagavam os salários atrasados com as famosas abóboras ou, ainda, morangas – como são conhecidas no Sul do País.

Com um belo litoral que nos presentearia com ricas iguarias, o Rio Grande do Norte é líder nacional na produção e exportação de camarão. Chega a representar 30% do total da produção nacional de camarão em cativeiro, fazendo com que seja o principal produto de exportação do Estado, seguido pelo melão. De tudo o que o Rio Grande do Norte exporta, só o camarão chega a 40%.

Uma iguaria que reina nas regiões praianas do país, o camarão é apreciado como petisco ou como ingrediente de famosos pratos da cultura gastronômica, como o bobó de ca-

marão, o vatapá, o camarão papa-jerimum, os camarões empanados. No roteiro turístico de Natal, não pode faltar uma visita aos restaurantes especializados em pratos à base desse crustáceo, que podem acompanhar peixes, tapiocas, crepes, pastéis, caldos.

De sabor delicado e aroma marcante, o camarão está presente na mesa de quase todos os natalenses, pois além de delicioso e nutritivo, encontramos por aqui esse crustáceo com preços mais baixos. Em restaurantes renomados, na praia, nas lanchonetes, nos quiosques. Podemos encontrá-lo, em diversos locais e em diferentes formas, como em moquecas, escondidinhos, caldos, empanados, bobós, molhos diversos, lasanhas e tapiocas. Podemos comer e fazer praticamente tudo com o nosso ingrediente mais característico, pois como o nome mesmo diz, somos potiguares – comedores de camarão.

Camarões empanados no coco

Tempere 1 kg de filé de camarão com sal e pimenta do reino. Passe esses camarões em 200 g de farinha de trigo, depois em 2 ovos ligeiramente batidos e em 100g de coco ralado seco misturado a 100g de farinha de rosca. Esquente óleo suficiente para cobrir os camarões, e frite-os aos poucos. Coloque-os sobre papel-toalha para absorver o óleo em excesso. Sirva-os ainda quentes com salada ou molho de seu gosto.

Carne de sol: patrimônio Nordestino

Por Liliane Silva Felix

A carne de sol triunfa nas mesas de todos os natalenses, desde as mais humildes às mais refinadas. Seu sabor marcante e sua versatilidade deram origem a diversos pratos muito conhecidos e apreciados por todos, desde os sertanejos aos moradores do litoral. Esse tipo de carne tem uma história bem interessante e que reflete como viviam nossos conterrâneos há muito tempo. Por volta do início do século XVIII, a criação de gado foi interiorizada, devido ao aumento do cultivo da cana-de-açúcar no litoral. Diante desse movimento, o boi era criado no interior do Estado e levado ao litoral para o abate. Dada a distância entre o litoral e o interior, os criadores logo pensaram em uma forma de conservar essa carne para ser vendida, mas mantendo sua qualidade. Naquela época, a população também não tinha como armazenar por algum tempo a carne fresca, então criou-se o processo da salga. A carne era salgada e posta ao vento para secar. Depois de exposta ao sol, ficando ali por até três dias, a carne já estava pronta para ser usada em diversas receitas, como também

se mantinha sem refrigeração por mais tempo. Um mundo de possibilidades se abre no tocante à carne de sol, pois além de versátil, agrada a todos os paladares. Assada, gorda, magra, desfiada, malpassada, bem passada, ao ponto. A carne de sol é utilizada das mais variadas formas em muitos pratos da culinária potiguar. Começando pela tão famosa carne de sol à moda potiguar, que diferencia-se principalmente pelos acompanhamentos (farofa d'água, feijão-verde, macaxeira frita ou cozida, salada, manteiga de garrafa e o inigualável pirão de queijo), passando por paçoca (carne de sol batida no pilão acrescida de cebola, coentro e farinha de mandioca), carne de sol na nata (carne desfiada e refogada na cebola e na nata), arrumadinho (carne desfiada com feijão-verde, cebola e farinha de mandioca) e o tão delicioso escondidinho (carne desfiada com pirão de macaxeira e queijo gratinado), essas receitas estão entre as preferidas dos natalenses. Mas há quem diga que não há nada melhor que a carne de sol assada com manteiga de garrafa, farofa d'água e uma xícara de café. Para muitos, o simples é mais especial, pois mantém a tradição do sertanejo nordestino.

Manteiga de garrafa

Manteiga amarela semilíquida vendida em garrafas. É mais pura e forte que as tradicionais. São necessários 50 litros de leite para cada litro de manteiga de garrafa. É um produto que se mantém fluido em temperatura ambiente, mas que endurece na geladeira. É mais durável do que a manteiga comum.



Feijão-verde

É a vagem do feijão seco, colhida antes do desenvolvimento das sementes. Pertence à família das leguminosas frescas e pode também ser denominado por vagem. É rico em fibras, minerais e vitaminas, além de ter baixo valor calórico.



Escondidinho de carne de sol

Dessalgue, asse e desfie a carne de sol. Ponha em uma panela, azeite, cebola e alho até dourar. Acrescente a carne desfiada, cheiro-verde e pimenta, refogue um pouco e reserve. Com a macaxeira cozida, amasse-a, misture manteiga de garrafa e leite até obter um purê. Disponha em uma travessa a carne e por cima o purê de macaxeira. Acrescente queijo de coalho ralado e leve ao forno para gratinar. Sirva quente .



E assim nasceu a macaxeira e suas delícias

Por Liliane Silva Felix

Mani era o nome de uma indiazinha de pele branca como o luar, que nasceu de um casal de índios tupis. Era muito mimosa e boazinha, mas nada comia. Por isso, foi definhando até que morreu, silenciosamente, em sua pequenina rede. Seus pais, arrasados, fizeram seu túmulo no interior da própria oca onde moravam. Regada a terra com as lágrimas dos pais e com a água pura de uma fonte próxima, eis que uma nova planta germina, rachando a terra com suas grossas raízes. Examinando-as, os índios logo perceberam que por baixo de uma delgada casca, essas raízes eram brancas como a pele da menininha e forneciam alimento raro e saudável, que tornava os curumins que o comiam mais fortes e belos que os da outras tribos. A planta, que hoje é o principal alimento dos índios, começou a ser chamada de manioca até mandioca.

A mandioca, ou macaxeira, como é mais comumente chamada no Nordeste, é uma raiz que está presente na culinária potiguar

de diversas formas. Essa herança indígena contribui muito para a alimentação de toda a população nordestina, principalmente a mais humilde, pois como pode ser plantada facilmente, os agricultores a consomem como uma das mais importantes fontes de alimentação. A partir da macaxeira, produz-se a farinha de mandioca, e a goma, a matéria-prima para uma das mais tradicionais receitas nordestinas, a tapioca.

A macaxeira é consumida de diferentes formas. Cozida, bem quentinha, apenas com manteiga de garrafa já faz um sucesso danado. Serve como base para cremes e purês (utilizados no escondidinho, por exemplo), para engrossar caldos, como na vaca atolada (costela bovina cozida com temperos e legumes, acrescida de mandioca para formar um caldo grosso). Crua e ralada, junto com coco fresco e alguns ingredientes, produz um bolo de macaxeira com coco que é de se ficar babando, sem dúvida, uma delícia. Não há petisco melhor que macaxeira frita, principalmente quando acompanha um peixe frito e uma farofinha. Quando misturada ao feijão,

faz a alegria da meninada, transformando o alimento em brincadeira, em animais, em bolinhas, em letras. Ainda sinto o cheiro do feijão verde com bastante coentro fumegando no prato, a farinha sendo misturada, os “macaquinhos” saltando das mãos da minha mãe, e que comíamos numa alegria só. Talvez fosse uma forma de apenas fazer as crianças comerem, talvez não. Farinha que dá vida ao pirão, à farofa d’água, à paçoca.

Não menos importante, a goma de mandioca também tem seu valor junto à mesa potiguar. A partir dela, surgem as inconfundíveis tapiocas, hoje um dos pratos mais tradicionais do Nordeste brasileiro. Turistas do mundo inteiro se apaixonam ao experimentar essa delícia tão versátil, pois pode ser salgada ou doce. As salgadas sempre vêm recheadas com queijos, coco, carne de sol, frango, manteiga de garrafa, tudo ao gosto do freguês. As doces, também muito consumidas, agregam doce de leite, coco, leite condensado, queijo com goiabada e chocolate. Uma das mais famosas tapiocas de Natal é encontrada no Mercado Público da praia da Redinha, Litoral Norte da cidade: tapioca molhadinha com leite de coco vem acompanhada de gíngua, uma espécie de peixe, frita na hora, uma tradição que reina há muitos anos.

A goma também é usada como ingrediente para o pudim de tapioca. Assado em um caramelo dourado, tem sabor único e aroma de casa da vovó. Não se pode esquecer também do cremoso sorvete de tapioca, iguaria imperdível na cidade de Natal.

Bolo de macaxeira com coco

Descasque um quilo de macaxeira e rale grosseiramente. Em um liquidificador, coloque meia xícara de manteiga, uma xícara de leite de coco, uma xícara de leite, três ovos e três xícaras de açúcar. Bata por um minuto. Retire o creme do liquidificador e misture com uma colher a macaxeira ralada, uma pitada de sal e uma xícara de coco ralado. Despeje em uma forma untada e enfarinhada e asse em forno preaquecido por 1 hora ou até que o bolo esteja bem dourado. Retire do forno, espere esfriar e sirva com um bom cafezinho.

Tapioca nordestina

Peneire uma xícara de goma de tapioca com uma pitada de sal. Esquente uma frigideira antiaderente, disponha a goma uniformemente e deixe em fogo baixo. Quando soltar do fundo da frigideira, vire o lado e recheie a seu gosto, podendo ser salgado ou doce. Dobre a tapioca ao meio e sirva.



Caju

Por Liliane Silva Félix

Vindos do cajueiro, árvore nativa de regiões costeiras do Nordeste brasileiro, o caju e a castanha são grandes estrelas da gastronomia potiguar. Reinam entre todos os paladares, em pratos salgados e doces, das mesas mais simples até a alta gastronomia. Esses nobres ingredientes são encontrados facilmente em nossa cidade, só assim podemos nos deliciar a qualquer instante com seus sabores suaves e refrescantes.

O caju, rico em vitamina C, pode ser consumido in natura, e também utilizado na preparação de sucos, doces, passas, mel, sorvetes e licores. Sua cor pode ser amarela, alaranjada ou vermelha, dependendo do tipo. Alguns são mais ácidos, outros bem doces, pequenos, grandes, fibrosos, mas todos têm em comum um aroma que dá água na boca.

Nada melhor para se refrescar nesse sol irradiante de Natal do que um suco de caju bem gelado com algumas folhas de hortelã. Outra boa pedida é um sorvete caseiro da fruta, que pode ser encontrado em sorvete-

rias artesanais. Depois do almoço, para aqueles que não dispensam um docinho, o doce de caju é o campeão de pedidos. Pode ser em compota, triturado, cremoso, em barra, ao gosto do freguês. O mel e o licor também são produtos que merecem uma provadinha, e quando acompanhados de um queijinho de coalho... delícia!

A castanha de caju é uma amêndoa rica em proteína e muito conhecida por reduzir índices de colesterol ruim do sangue. É exportada para diversos países onde é bastante apreciada. Pode ser encontrada assada, servindo de petiscos, e até mesmo em forma de farinha empregada na fabricação de bolos, doces, chocolates, e que também acompanha sorvetes. Uma grande iguaria que não pode ser deixada de lado é a castanha caramelizada. Envolta de açúcar queimado, a castanha fica crocante e com sabor inigualável.

Em qualquer supermercado, à beira-mar, em quiosques, em restaurantes, dentro dos ônibus. Enfim, em qualquer lugar podemos encontrar as castanhas de caju e degustá-las sem pressa, pois, com certeza, é um dos sabores característicos do Nordeste.

Doce de caju a jato

Pegue 12 cajus maduros, retire as castanhas, e ponha numa panela de pressão. Acrescente 4 xícaras de açúcar e 1 xícara de água. Feche a panela, ponha no fogo e após começar a chiar, aguarde 20 minutos. Desligue o fogo, espere sair a pressão. Abra a panela, e se quiser, ponha cravo e pedacinhos de canela para aromatizar. Deixe ferver mais um pouco para engrossar a calda. Ponha na geladeira e sirva com queijo de coalho.

Brigadeiro com castanha de caju

Ponha em uma panela uma lata de leite condensado, três colheres das de sopa de chocolate em pó e uma de manteiga. Leve ao fogo até soltar do fundo da panela. Acrescente 100g de castanha de caju triturada, mexa e deixe esfriar. Faça bolinhas do tamanho da sua fome e passe-as em mais castanha. Ponha em forminhas e sirva. Se não der tempo, coma na panela mesmo.



Brie e camembert do sertão

Por Liliane Silva Félix

Queijos finos e de sabor marcante. É isso o que nos remetem o brie e o camembert. Tão famosos pelo sabor, aroma e delicadeza, se destacam entre os mais conhecidos e apreciados do mundo. No entanto, não são todos que se valem de produtos tão sofisticados e caros para satisfazerem seus desejos quando o assunto é queijo.

Não menos deliciosos, os queijos produzidos no Nordeste brasileiro também têm sabor único, e são produtos encontrados apenas aqui. Só de pensar dá água na boca! São eles o queijo de coalho e o queijo de manteiga.

O de coalho é tipicamente do sertão nordestino, surgiu da necessidade dos viajantes carregarem leite durante as longas viagens. O leite não poderia estragar e por esse motivo descobriram a utilização do coalho para talhá-lo. O queijo é prensado e salgado, podendo ser servido assado, grelhado, como ingrediente de alguns pratos tradicionais – como o escondidinho de carne de sol, onde o queijo é gratinado, ganhando um tom dourado e sa-

bor inconfundível –, ou até mesmo como sobremesa: grelhado e regado com um bom mel de engenho. O queijo de manteiga é produzido com o coalho do leite, adicionando-se a manteiga e o sal, indo ao fogo até dar o ponto de fio. Esse tipo de queijo também é típico do Nordeste e encanta todos os que experimentam dele. Não há nada igual. É muito apreciado de forma simples, dentro de um pão bem quentinho, com café feito na hora, acompanhando pamonhas, recheando tapiocas. Mas também é o ingrediente principal de algumas sobremesas, como a tradicional Romeu e Julieta, em que é servido com uma farta quantidade de goiabada caseira, e a cartola, quando é derretido e serve de cobertor para bananas assadas na manteiga de garrafa, polvilhadas com açúcar e canela.

Outra iguaria famosa na cidade de Natal é o pirão de queijo, feito com leite, farinha de mandioca, e os queijos de coalho e de manteiga. Geralmente servido com feijão-verde, farofa d'água, arroz de leite e uma deliciosa carne de sol assada, faz a alegria de quem o experimenta. Ou até mesmo a tristeza, pois como se diz aqui, “comi tanto que fiquei triste”.

Pirão de queijo

Bata no liquidificador 1 litro de leite, 200g de queijo de coalho e 200g de queijo de manteiga. Leve ao fogo e, quando estiver quase fervendo, adicione farinha de mandioca até obter o ponto cremoso. Corrija o sal e sirva quente.

Cartola

Corte 2 bananas no sentido do comprimento e frite-as na manteiga até dourar. Corte 4 fatias grossas de queijo de manteiga e ponha por cima das bananas quentes para derreter. Misture em uma vasilha açúcar e canela e polvilhe por cima do queijo. Sirva ainda quente.



Tradicional noite de forró

Por Lorena Dias e Mônica Lins

Típica casa natalense de forró, com um verdadeiro cenário nordestino, pessoas bonitas e animadas: esse é o Rastapé Universitário, localizado no bairro de Ponta Negra, refúgio dos turistas em Natal, e que este ano completa cinco anos de sua inauguração. No início de seu funcionamento, tinha como vizinhos bordéis famosos, disfarçados com nomes de boates. Hoje, a maioria desses bordéis foi fechada e Ponta Negra recebe os mais variados públicos. O Rastapé se classifica como uma das mais bem frequentadas e bem faladas casas de shows do bairro.

O Rastapé apresenta estrutura com cinco bares espalhados em três ambientes. Os garçons atendem os clientes vestidos com uniformes que remetem ao vestuário nordestino: as camisas xadrezes corroboram o ambiente decorado com bandeirolas e balões que, ge-

ralmente, só são vistos em épocas juninas. As paredes se assemelham às casas feitas de pau a pique – construções feitas com barro e finas varetas, que caracterizam a estrutura das casas de taipa. A sala de entrada é a mais tranquila, com um som baixo, conta com mesas e um bar; o ambiente fechado, o mais agitado, disponibiliza shows de forró e três bares. Há também uma área aberta com repentistas e trios sanfoneiros tocando forró pé de serra.

Com um linguajar típico do Nordeste, como por exemplo, arretado, enxerido e aprumado, o cardápio oferece mais de 30 tipos de cachaças e diversos pratos.

Os banheiros são uma atração à parte. Uma seta indica pra onde os homi e as muieres devem se deslocar. Local limpo e convencionalmente decorado com bandeirolas de crochê penduradas nas portas que dão aceso às privadas, o banheiro é também o ambiente onde a fofoca rola solta. Ali grandes espaços e espelhos fazem sucesso entre aquelas que

gostam de se manter sempre nos trinques. Do lado de fora, na entrada dos banheiros a paquera rola solta: os homi esperam as muieres saírem arrumadas e ainda mais bonitas para assim lhes oferecerem flores e bombons Serenata de Amor.

A assessora de imprensa da casa de forró, Bárbara Rolin, conta que a ideia de abrir um lugar como esse foi do proprietário Luis Rubio. Com o objetivo de apresentar um estabelecimento noturno que caracterizasse o público nordestino, mas não fosse grande como uma casa de show, e sim um lugar mais acessível.

Com um público jovem, o Rastapé oferece aos universitários a entrada gratuita até meia noite com a apresentação da carteira de estudante de Natal. Com esse atrativo torna-se uma ótima alternativa de lazer para os estudantes. O universitário Felipe Siqueira, 22, vestia camisa polo listrada e se divertia entre amigos em uma noite de sábado quando nos contou o quanto era bom “tomar uma no Rasta.” O aluno do curso de Economia da UFRN diz ainda que o lugar apresenta uma ambientação bastante agradável e é uma ótima opção que Natal oferece para se ouvir e dançar forró.

O Rastapé Universitário abre nas quartas, sextas e sábados e funciona das 22h até o sol raiar, a base de muita pinga e chiado de chinelos. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (84) 3219-0181.



Balada da noite em Natal

Por Lorena Dias

Procurando um lugar divertido? Então o Maranello Bistrô é o lugar certo. Localizado numa das principais avenidas da cidade, Hermes da Fonseca, no bairro Petrópolis, o local conta com uma ótima estrutura para receber os seus clientes.

O Maranello foi inaugurado em 2005, mas inicialmente não era um bistrô, era o Maranello Auto Spa, que oferecia serviços automobilísticos aos seus clientes. Por isso, a escolha do nome: Maranello é uma cidade italiana conhecida como a casa da Ferrari, onde se encontra uma fábrica da empresa automobilística, além de galerias com modelos antigos e pistas para testes. Logo após surgiu a ideia

de criar um espaço para o cliente beber uma cervejinha, um refrigerante, enquanto o serviço do carro estava sendo feito. Assim, os amigos começaram a sugerir a criação de um barzinho no ambiente, para serem servidos também petiscos. Mas somente em 2007, o bistrô se mudou para um lugar maior e começou a promover noites badaladas.

A empresária Rosalina Menezes, uma das sócias do empreendimento, afirma que atualmente o Maranello Bistrô promove festas noturnas com música eletrônica e também eventos particulares como casamentos e festas de aniversário de 15 anos. “O diferencial do Maranello é o bom atendimento, as festas de grande porte, nas quais trazemos DJs internacionais e o fato de sempre escutarmos as opiniões dos clientes, tentando trazer as atrações que eles desejam”, afirma a empreendedora.

A casa tem sua clientela fiel, como a estudante de Serviço Social da UFRN, Thatiany Pereira, de 23 anos, que não perde uma balada. Ela afirma que gosta de frequentar o Maranello, primeiramente por se destacar em seus eventos cada vez mais bem produzidos, chamando a atenção do público pelas atrações nacionais e internacionais. “O que tem de melhor no Maranello são as festas. Eventos de grande porte sempre sintonizam Natal ao que está acontecendo no Brasil e no mundo. As festas geralmente possuem padrões que se adequam às baladas perfeitas para se divertir, sair acompanhada de amigos e, além de tudo, dançar muito”, comenta a universitária.

Para garantir as baladas aos seus clientes, o Maranello Bistrô é aberto para reservas do local e vendas de ingressos das festas de segunda à sexta, das 9 às 18h. Mais informações podem ser obtidas pelo site www.maranellobistro.com.br ou pelo telefone (84) 3611-0438.



A noite começa na hora certa



Por Lorena Dias e Mônica Lins

Localizado no cruzamento das avenidas Prudente de Moraes e Miguel Castro, conhecido como o bar que oferece a melhor happy hour da cidade, o Seis em Ponto Bar & Petiscaria proporciona aos seus clientes ambientes agradáveis e boa música além de um ótimo atendimento.

Inaugurado em 2009, o Seis em Ponto é hoje um dos locais mais badalados das noites de Natal. No fim da tarde, os clientes já começam a lotar as mesas, atraídos pelas bandas de diversos gêneros musicais presentes nos ambientes externos e internos. A preferência do público é pelo Sertanejo Universitário. O Seis em Ponto é bastante procurado para comemorações de aniversários, nas quais os parabéns são cantados várias vezes.

A gerente Márcia Pereira, nos explicou o pioneirismo do Seis em Ponto: “Antes da

abertura do Seis em Ponto, ninguém havia explorado o estilo happy hour em Natal. A ideia de lançar o bar no mercado surgiu de dois amigos que perceberam que um lugar como esse ainda não existia”. Sorridente, e experiente na administração do bar, Márcia diz que o objetivo era abrir um local onde as pessoas, depois de um dia cansativo de trabalho, pudessem ir se divertir com os amigos, fechar negócios ou até mesmo ir com a família, já que oferece uma brinquedoteca e cardápio voltado para o público infantil.

Kelly Dantas, 26 anos, bacharel em direito, afirmou “seeeeeempre” ir ao Seis em Ponto. “Primeiro pelo público, segundo pela cerveja que está sempre bem gelada e terceiro pelo bom atendimento”. A freguesa ainda disse que o dia mais animado era o sábado, pelo fato de o Seis em Ponto abrir mais cedo, no horário do almoço, e seguir com a apresentação de três bandas ao longo do dia.

Para mais informações acesse o site www.seisemponto.com.br ou ligue para (84) 3206-1392.

Tome mais uma, depois peça a saideira

Por Mônica Lins

Sabe quando você entra num local e sente tão à vontade a ponto de se sentir em casa? Essa é uma das características que cabem quando falamos do bar e petiscaria A Saideira. Cercado por arbustos bem cortados, e possuindo uma entrada com um pequeno portão de madeira e recortes arredondados, o bar de ambiente rústico e aconchegante oferece ótimo atendimento aos seus clientes.

Jessika Silva de Souto, 20 anos, estudante de fisioterapia que esperava pelas amigas, conta o quanto é bom estar em um ambiente como o d'A Saideira, que, segundo ela, tem a melhor caipirinha da cidade e os rapazes mais bonitos e simpáticos também: “quando venho à Saideira me sinto praticamente em casa e

entre amigos”. Ela relembra ainda a primeira vez que foi à Saideira, e diz que foi nesse dia que conheceu alguém muito especial ao som de uma de suas músicas favoritas, Coração, de autoria do potiguar Dorgival Dantas.

O gerente José Claudiomar da Costa, 36 anos, mais conhecido como Paraíba, conta que a ideia de montar um bar como A Saideira surgiu a partir de uma brincadeira entre o casal Ana Flavia e Jean Norte, que queriam criar um espaço para realmente receber amigos. Interrompido durante a entrevista diversas vezes por gritos de “Paraííííiba” que cobravam sua presença e atenção, ele conta que demorou para aceitar o convite do casal de amigos. “O bar tinha apenas três anos desde a inauguração, e eu temia em arriscar meu emprego, mas quando vi que A Saideira já era um dos mais bem falados bares da cidade resolvi aceitar o convite”.

A Saideira possui cardápio que traz uma variedade de comidas e bebidas. E, entre os pratos mais pedidos estão os escondidinhos de carne de sol com macaxeira – ou escondidinho de camarão, e o famoso filé com fritas que pode acompanhar uma cerveja. O bar também apresenta diversidade de bebidas: além das cachaças tradicionais, marcas conhecidas de uísques e drinques são algumas das opções. Entre as mais pedidas figura a caipirinha.

Uma mesa de nove amigas que sorriam e conversavam bastante chama atenção. Elas confraternizavam com caipirinha e falavam do feriadão de Corpus Christi e São João. Uma delas revelou que todas na mesa eram professoras, e que estavam aguardando ansiosamente pelo forró pé de serra da banda Marconi Brasil, que subiria ao palco do bar naquele dia. A brincadeira de que “homens de verdade” estariam faltando no mercado fez com ouvíssemos o seguinte comentário: “A saideira é um dos poucos lugares que você ainda pode encontrar homens de verdade nessa cidade, ainda mais hoje, que é dia de futebol na TV”.

O bar só perde alguns pontos no que se diz respeito à falta de vagas para estacionamento.

O Saideira Bar e Petiscaria está aberto de segunda a sábado. Está localizado na Av. da Integração, 3491, bairro Candelária. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (84) 3206-8585, pelo site www.asaideirana-tal.com.br ou e-mail: asaideirabar@asaideirana-tal.com.br.

Ainda na Ribeira...

Por Philippe Barros

Na iminência de uma Copa do Mundo, o recorte desse momento da história de Natal nos leva a uma questão que intriga parte da população: Onde está a cena cultural da cidade?

Não é o bairro mais estruturado da cidade, não é o mais rico, não é o mais limpo, nem ao menos o mais seguro para receber os viajantes trazidos pela Copa do Mundo. Mas, sem dúvidas, em cada viela estreita e beco centenário da Ribeira estão marcadas as pegadas históricas da infância natalense e, nos olhos dos moradores que ainda vivem no lugar, o brilho dos anos cintilantes da boemia potiguar.

A Ribeira foi o segundo bairro da cidade. O lugar foi o berço das mais importantes personalidades natalenses, como o ex-presidente Café Filho, nascido na casa de número 22, da

Rua Quinze de Novembro, onde hoje funciona um aconchegante museu de fachada branca e vizinhança pacata, que leva seu nome. A Ribeira também foi palco da história do artista plástico Newton Navarro e do historiador Luís da Câmara Cascudo. Cascudo nasceu na Rua das Virgens, numa imponente construção de muros amarelos, no alto da imensa ladeira, que liga a Cidade Alta à “Cidade Baixa” (antigo nome da Ribeira). O casarão onde Cascudo cresceu, hoje, funciona como um espaço de exposição que nos oferta a oportunidade única de conhecer um pedacinho do mundo muito particular do mestre da cultura potiguar. Em sua obra História da Cidade de Natal, Cascudo retrata com delicadeza a origem do nome do bairro: “Ribeira porque a

praça Augusto Severo era uma campina alagada pelas marés do Potengi. As águas lavavam os pés dos morros. Onde está o Teatro Alberto Maranhão, tomava-se banho salgado em fins do século XIX. O português julgava estar vendo uma ribeira. O terreno era quase todo ensopado, pantanoso, enlodado. Apenas alguns trechos ficavam a descoberto nas marés altas de janeiro”.

Com a construção do Porto de Natal, e a instalação da sede da Administração Provincial, consolidou-se o centro de comércio na região. Aos poucos, o bairro foi crescendo com a construção de prédios tradicionais como o Teatro Carlos Gomes (hoje Teatro Alberto Maranhão), o Cine Polytheama (primeiro cinema de Natal), a Antiga Escola Do-

méstica de Natal, o Grupo Escolar Augusto Severo, o Colégio Salesiano São José, a Estação Rodoviária de Natal (hoje transformada em museu), e a Estação da Great Western.

A jovem turismóloga Aline Rodrigues, que me acompanhou durante um passeio pelas ilustres ruas do bairro, contou que após a expansão da cidade em meados da década de 1970, o centro comercial transferiu-se da Ribeira, e o bairro passou por um período de decadência. Somente em 1990, a Ribeira passou a integrar a Zona Especial de Preservação Histórica, sendo tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Norte, que revitalizou e resgatou os traços boêmios do lugar. A recuperação das fachadas de diversos prédios, a conclusão de obras de esgotamento sanitário, calçamento e iluminação pública, configuraram a Ribeira como o grande ponto de encontro das diversas tribos urbanas, devido ao seu potencial histórico e os ares contaminados pelo charme da cultura popular.

Apesar disso, apenas uma parcela da população natalense tem conhecimento das atividades culturais desenvolvidas no bairro. O fulgor do universo da Ribeira ainda é ofuscado pelo preconceito contra o lugar. Devido à iluminação precária de algumas regiões e os crescentes índices de criminalidade, muitas pessoas têm receio de visitar o bairro e acabam ignorando a cena cultural de Natal, o que também afeta o turismo da região.

Aline Rodrigues afirma que, em Natal, o poder público não dá a devida importância

para a cultura, mas com a Copa do Mundo, essa realidade poderá ser mudada: “Que o turismo cultural está longe de ser o ponto alto de Natal não é novidade para ninguém. Mas se as medidas de implantação do corredor turístico de Natal realmente saírem do papel, é certo que, durante a Copa, esse tipo de turismo tenderá a se desenvolver na capital, ainda que os investimentos não continuem depois do evento, e a cultura volte a ser esquecida”.

Um pensamento comum entre grande parte dos próprios natalenses é: “Natal só tem praias, não tem cultura!” A ideia equivocada, se deve ao desconhecimento da verdadeira realidade cultural da cidade pela falta de difusão dessas informações. “A cultura local não merece um lugar de destaque apenas durante a Copa, ou voltada apenas para a atividade turística. O mais importante é que os próprios natalenses conheçam e valorizem a sua cultura que, mesmo estando bastante esquecida, principalmente devido ao abandono dos órgãos públicos, é muito rica e diversificada”, conclui a turismóloga.

Dar visibilidade ao que já existe

Na busca de solucionar o problema da falta de visibilidade das atividades desenvolvidas no bairro, a Casa da Ribeira e o Centro Cultural DoSol prepararam um banquete de arte, cultura e história e começaram a servi-lo a partir da primeira edição do Circuito Cultural da Ribeira, realizado no dia 8 de março de

2011, durante as festividades do Carnaval. O circuito tem o apoio da lei estadual de incentivo à cultura, Lei Câmara Cascudo, e consiste na ocupação do bairro com eventos culturais acontecendo simultaneamente, em diversos pontos. As atrações são gratuitas para o público, promovendo uma grande circulação de pessoas pelas ruas da região para que elas observem os prédios e tenham consciência do valor histórico do lugar.

Henrique Fontes, diretor artístico e educacional da Casa da Ribeira, um dos idealizadores e coorganizador do Circuito, afirma que “o evento está se mostrando eficaz. Além de ser um espaço de valorização do bairro e de educação patrimonial, fez as pessoas começarem a entender qual a importância de um bairro histórico na cidade”.

O evento que, no dia 5 de junho, chegou a sua quarta edição, vem atraindo mais pessoas a cada etapa. A primeira edição contou com cerca de 4 mil participantes, a segunda entre 5 e 6 mil, a terceira 7 mil, e na quarta, entre 7 e 8 mil pessoas circularam pela Ribeira.

Tive o prazer de acompanhar essa última edição do circuito e pude perceber a riqueza da diversidade cultural estampada em cada personagem. A Ribeira como um organismo vivo, recebia de braços abertos a chegada dos visitantes, e os acolhia em cada leito histórico de suas ruas estreitas.

O Espaço Gira Dança foi o ponto de partida dessa aventura, com o espetáculo A Cura, a emoção de uma apresentação de dança em cadeira de rodas. No largo da badalada Rua

Chile, de onde foi dada a partida do cortejo de batucada e afoxé, os grupos de jovens roqueiros, pagodeiros, indies e os coloridos do pop, agrupados em frente aos galpões de shows relacionados à sua arte, dividiam o espaço com mesas e carrinhos de lanche, convivendo pacificamente em um ambiente preparado para acolher a diversidade.

Numa rua paralela, ecoavam risadas de adultos e crianças, que desfrutavam atentos uma apresentação dos palhaços Piruá e Pepita em um espetáculo de teatro infantil. Um pouco mais à frente, adeptos movimento underground ocupavam um dos inúmeros becos do bairro, e ao som do heavy metal acompanhavam de longe o vai-e-vem das pessoas que visitavam o Buraco da Catita, espaço tomado pelas exposições de artes plásticas e apresentações musicais de jazz. Foram apenas algumas das incontáveis possibilidades oferecidas pelo Circuito.

Satisfeito com os resultados que vem conquistando, Henrique Fontes conta que as expectativas para as próximas edições são boas, porém gostaria de contar com mais apoio do poder público. “Eu particularmente tenho ficado feliz com o que tem acontecido. Obviamente, a vontade é que o poder público comece a chegar mais junto, porque ainda temos o problema estrutural da Ribeira, que fica nítido na carência de iluminação, na limpeza, e na preservação dos espaços”, destaca.

Arquitetura e a cidade

Natal: ***a arquitetura e*** ***a cidade***

Por Gustavo Leite Sobral

Cascudo, nosso alvissareiro, das janelas do seu sobrado, via Natal como uma cidade sempre nova. Cascudo viveu a Natal dos sítios e vivendas que inspiraram Mário de Andrade a dizer que a cidade tinha ares de chácara. O primeiro impulso modernizador na cidade de Natal se operacionalizou na melhoria da infraestrutura urbana representada no calçamento das ruas e avenidas, na arborização das praças, na instituição do transporte público e no saneamento básico da cidade. Segundo Cascudo, até meados de 1850, a cidade cresceu de forma arrastada, quase parada no tempo...

É na segunda metade do século XIX e no começo do século XX que Natal sofre um impulso modernizador. O projeto do governo republicano de Alberto Maranhão se encarrega do ajardinamento da Praça Augusto Severo, do aterramento da área alagadiça, e da criação de um novo bairro, Cidade Nova, que daria origem aos bairros de Petrópolis e Tirol. A construção de novos edifícios públicos e o novo desenho que a cidade começava a ganhar exigiram a contratação de arquitetos para traçar o plano urbano: Antonio Polidrelli, responsável pelo plano da Cidade Nova, e Herculano Ramos, que respondia pela reforma do Teatro Alberto Maranhão (Carlos Gomes, à época), entre outros.

Antonio Polidrelli, agrimensur italiano, foi

o responsável pelo Plano Geral de Sistematização de Natal (1901) ou plano de Cidade Nova. O plano propunha um novo padrão urbano, tabuleiro de xadrez, marcação de lotes e duas praças, sistema viário de vias largas; diferenciação entre ruas (sentido leste/oeste) e avenidas (norte/sul). Corresponhia a uma área de 164,85 hectares distribuídos em quarenta e oito quarteirões. Giacomo Palumbo (1891-1966), arquiteto, ampliou o projeto do Plano Geral, em 1904. Sobre a mudança observou o arquiteto João Maurício: “Assim como Hipodamos [Hipodamos, 470 a.C, projetou a cidade de Mileto, concebendo seu plano no teorema de Pitágoras], Polidrelli também construiu uma retícula de quadrados, não muito uniformes, sem levar em consideração os obstáculos que ofereciam os acidentes do terreno. As características fisiográficas de relevo topográfico e orientação magnética são muito semelhantes entre Mileto e Natal”.

O abastecimento de água da cidade consistia na água carregada em lata na cabeça ou em galões transportados no ombro. O primeiro serviço de água encanada veio apenas em 1892, e o fornecimento era de alguns litros diários, exceto aos domingos. Pela Cidade Alta e pela Ribeira, havia chafarizes com torneiras, onde o canequeiro, a quem não podia arcar com o sistema de abastecimento, vendia o galão de água a 100 mil réis. O transporte público veio apenas em 1908 com o sistema de bondes puxados a burro sob responsabilidade da Companhia Ferro Carril do Natal. Somente em 1911, passam a circular

os bondes elétricos. O Governador Alberto Maranhão (1908-1913) foi o responsável pela maioria dos “melhoramentos”, como eram chamados os serviços públicos: luz elétrica, bondes, telefone, este último inaugurado em 1911. No começo havia apenas 100 aparelhos, quase sempre servindo a repartições públicas e movidos à manivela.

A iluminação pública, postes de ferro com lampiões a querosene, acendia às seis e meia, e desligava às cinco da manhã, vinte e cinco dias por mês. Noventa e cinco lampiões, 43 na Ribeira e 52 na Cidade Alta. Já se conhecia a luz elétrica por esse tempo. Cascudo no livro História da Cidade do Natal relata que “Jovino Barreto, desde julho de 1892, alumiará sua Fábrica de Tecidos com três dezenas de focos reduzidos e prestigiosos. Em junho de 1906, quando Afonso Pena, presidente eleito da República, visitara Natal, fora feita instalação elétrica da Fábrica de Tecidos para a casa do Senador Pedro Velho (atual número 355 na Junqueira Aires, onde está a redação de A República) onde sua excelência se hospedara. Muita gente errou a boca com o garfo, olhando aqueles globos luminosos”. A iluminação pública a querosene permaneceu até 1905, quando foi inaugurada iluminação a gás acetileno. Apenas em 1911, é utilizada a luz elétrica.

O neoclássico foi o estilo que predominou no projeto de modernização da cidade. O estilo era uma reação aos excessos do Barroco que o precedeu. Compõem-no a estrutura de colunas, entablamento e cobertura; sime-

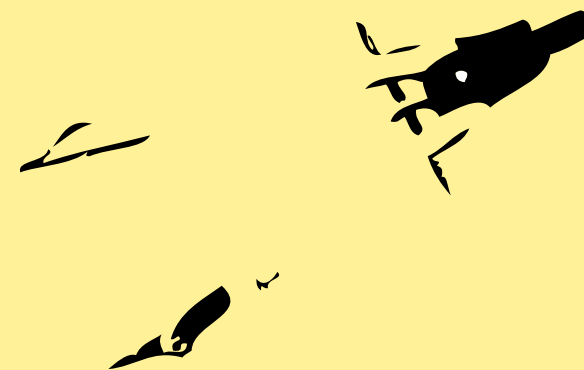
tria e aspecto monumental. A arquitetura neoclássica no Rio Grande do Norte, como aponta o arquiteto Pedro de Lima, “foi muito modesta em suas dimensões e nas suas soluções estéticas”, e acrescentou: “São poucas as obras que podem ser caracterizadas exclusivamente como neoclássicas, em Natal e no Rio Grande do Norte. Geralmente, as dificuldades de acesso aos materiais, as dificuldades técnicas e financeiras impunham um menor dimensionamento das obras e um despojamento de seus elementos decorativos”.

A arquitetura eclética, marcada pela mistura de estilos, também predominou nesse período. Uma das edificações que nos servem de exemplo é o Teatro Alberto Maranhão, após reforma empreendida por Herculano Ramos. Verifica-se a presença dos elementos trabalhados em ferro fundido, o que remete ao estilo art nouveau, e o uso de elementos decorativos na fachada. Já o sobrado de Cascudo ilustra a transição do neoclássico para o ecletismo.

A arquitetura moderna no Brasil nasceu com o crescimento e a expansão das cidades, sobretudo, a partir da segunda década do século XX. Anterior a esse período, o que a historiografia demarca como pré-Brasília, são iniciativas pontuais, em que a arquitetura nova (moderna) rivaliza com a arquitetura que prezava pelo retorno ao colonial. Dos anos 20 até os anos 40, esses estilos convivem no cenário nacional, embora haja destaque para a arquitetura nova, cujo marco é o projeto e a construção da primeira casa mo-

deralista, em São Paulo, na Rua Santa Cruz, por obra do arquiteto Gregori Warchavchik, em 1928; seguida das visitas de Le Corbusier e o projeto e construção do edifício sede do Ministério da Educação no Rio de Janeiro, nos anos 30, quando um jovem arquiteto começa a brilhar: Oscar Niemeyer.

A arquitetura brasileira não só foi partidária das inovações propagadas por Le Corbusier, nos Cinco pontos da nova arquitetura, como também, adaptou e criou soluções compatíveis com o clima brasileiro, uma delas, a confecção do cobogó, tijolo perfurado feito de cimento utilizado na construção de paredes ou fachadas perfuradas, com a função de quebra-sol, sem prejuízo da luz natural e da ventilação. Eram eles até então empilhados uns sobre os outros, para a construção de paredes cheias, sólidas e baratas. Luís Nunes e seus colegas tiveram a ideia de utilizá-los no estado bruto, como brise-soleil elementar, constituindo uma espécie de anteparo transparente, assegurando assim uma boa ventilação e, em certos casos, uma proteção adequada contra os elementos naturais”.



Antiga Catedral: ponto de fé e cultura no centro histórico

Por Isadora Vasconcelos

Uma das igrejas mais belas da cidade é a de Nossa Senhora da Apresentação, também conhecida como Matriz ou antiga Catedral. Trata-se da primeira igreja da cidade, que marcou a fundação de Natal, em 25 de dezembro de 1599.

A igreja de paredes brancas com contornos amarelos, só teve portas em 1614. A construção foi concluída 20 anos mais tarde. A edificação resistiu à tomada dos holandeses, 34 anos, após sua fundação, quando Natal não passava de uma pequena comunidade com quarenta casas. A tomada histórica que transformou a igreja Matriz em um templo calvinista.

Com a expulsão dos invasores holandeses em 1654, os registros referentes à igreja foram destruídos. A reconstrução só teve início com a chegada do Padre Leonardo Tavares de Melo, em 1672, e foi concluída em 1694. Ao longo dos anos entre 1881 e 1905 a igreja foi reformada.

*Paróquia de Nossa Senhora da Apresentação
Igreja Matriz, Praça André de Albuquerque
– Cidade Alta*

*Segunda a sábado: 17h30
Domingo: 6h, 9h, 17h30*

Conheça a antiga catedral com imagens do Memorial Câmara Cascudo e fotografia de Nadjara Martins



Acervo do Memorial Câmara Cascudo



Igreja do Rosário dos Pretos



Igreja do Rosário dos Pretos



Hotel Reis Magos: o primeiro empreendimento turístico de Natal

Por Gaston Poupard

O Hotel Reis Magos está localizado na Praia do Meio, uma das praias urbanas mais conhecidas da cidade. Ao chegar ao bairro de Brasília Teimosa (área adjacente ao hotel) observei que a Praia do Meio perdeu o glamour das décadas passadas. Muitas casas de praia encontravam-se abandonadas. Diferente de Ponta Negra, a Praia do Meio é uma região plana e não apresenta morros e elevações ao longo da costa.

De longe já era possível notar as famosas linhas arquitetônicas do Hotel Reis Magos. Na chegada notei que o prédio era maior do que eu tinha pensando.

O hotel foi construído na década de 1960. Em quatro andares eram disponibilizados

100 apartamentos. A estrutura do prédio era singular. No térreo, além da recepção, havia ampla área de lazer com restaurantes, deques para banho de sol e piscinas.

Infelizmente o que registro ao tirar a foto do hotel é uma imensa piscina vazia e suja, um cão dormindo na borda de uma das piscinas e vidraças quebradas.

Procurei o histórico do hotel por meio das notícias da imprensa local. Fruto da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), o Hotel Internacional Reis Magos, de três estrelas, foi o primeiro investimento voltado para o turismo do Rio Grande do Norte. Inaugurado em setembro de 1965, durante o governo de Aluizio Alves, o hotel passou de mão em mão antes de ser fechado. No início, o hotel foi administrado pelo gover-



Desativado há mais de uma década a estrutura do hotel ainda se encontra de pé.

no através da Empresa Potiguar de Promoção Turística (Emprotur). Depois foi arrendado para a rede Tropical Hotéis, empresa pertencente à Varig. Nos últimos anos de atividade do hotel, o governo o privatizou por completo. O estabelecimento fechou as portas em 1995, período de decadência das regiões da Praia do Meio, Praia dos Artistas, Praia do Forte e Areia Preta. O polo turístico da cidade mudou de endereço. Com a construção e inauguração de grandes empreendimentos hoteleiros na Via Costeira e no bairro de Ponta Negra, a vida turística e cultural da Praia do Meio se reduziu a um simples local de passagem para quem deseja atravessar o rio Potengi.

A revitalização do Hotel Reis Magos

Um grupo hoteleiro chamado Pernambuco Hotéis S.A. será o responsável pelo novo empreendimento que deverá preservar as linhas arquitetônicas do hotel. A obra está orçada em R\$ 20 milhões. Pretende-se expandir o número de leitos para 239 apartamentos, construir 21 estabelecimentos comerciais e 230 vagas de garagem. A reforma será executada sem mexer nas linhas arquitetônicas do hotel.

Embora algumas licenças já tenham sido concedidas pelos órgãos competentes – como é o caso da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (Semurb), da Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana (Semob) e do Corpo de Bombeiros –, outros problemas burocráticos impossibilitam o início das obras. Existe processo judicial relativo ao pagamento do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) referente aos últimos anos de funcionamento do hotel.

Espero que até 2014 o Hotel Reis Magos volte a funcionar, ocasionando a ressurreição daquela região. O retorno deste hotel será a prova de que o Turismo ainda esta vivo na Praia do Meio.

Crédito: Gaston Poupard



Na época de sua inauguração (década de 1960), o Hotel Reis Magos era a maior estrutura física de toda a costa litorânea da cidade.

Crédito: Gaston Poupard



As ruas desertas e a ausência de um comércio forte são consequências da decadência turística da região.

Crédito: Gaston Poupard



Na época do seu funcionamento, o Hotel Internacional Reis Magos oferecia os serviços essenciais de um hotel de alto padrão.



O Hotel Reis Magos possuía uma ampla área de lazer composta por jardins, restaurantes, deques ao ar livre e grandes piscinas. O hotel foi construído e modelado de acordo com as futuras tendências hoteleiras de sua época.

As docas potiguares



Crédito: Nadjara Martins

Por Nadjara Martins

O Largo da Rua Chile, na Ribeira, lar dos bares e shows alternativos que agitam as noites na terrinha potiguar, é um lugar de dualidades. Hoje, palco da efervescência cultural da cidade, divide-se entre a realidade jovem, que se expressa através das pichações em cartazes polêmicos, e o passado, mais presente do que nunca ao se atravessar o bairro através da antiga linha do bonde por entre o paralelepípedo gasto. É, sem dúvida, um lugar de história.

Apesar do seu potencial artístico, o largo surgiu em virtude das necessidades comerciais. Em 1850, devido à sua proximidade com o primeiro cais de Natal, no Porto Naval,

galpões foram construídos para armazenar as cargas de algodão e açúcar e deram início ao surgimento de uma das vias mais importantes da cidade, a Rua da Alfândega. Somente em 2002, com a revitalização cultural da Ribeira, se tornaria o largo boêmio da Rua Chile.

Todavia, o largo é também um local de diversidades. Quando o polo cultural que embala as noites começa a amornar, e os últimos jovens vão embora, outros ocuparão seus lugares. É uma legião de homens com suas botinas brancas e redes que rumam para o porto, por trás dos armazéns e galpões que escondem o Rio Potengi. O cheiro de sal e peixe fresco invade a rua, e a manhã dos pescadores se inicia.

O Porto de Natal se diferencia dos outros pela posição de destaque que teve no passado. Inaugurado em 1932, possui uma localização

privilegiada e estratégica, pois se encontra na “esquina do continente”, o que possibilita uma interligação entre América, África e Europa. Com essa conveniência, um acordo feito entre o presidente brasileiro Getúlio Vargas e o americano Franklin Roosevelt, em 1942, possibilitou a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. O desenvolvimento da região foi ao seu ápice, assim como toda a cidade, em um processo de americanização que durou alguns anos.

Apesar da importância, o Porto de Natal foi bastante criticado por ser de pequeno porte e pela falta de infraestrutura para receber navios maiores e cruzeiros que aumentariam o potencial turístico da região. Além disso, os assentamentos que se instalaram na área impossibilitaram a sua expansão. Nos últimos anos, a Companhia de Docas do Rio Grande

do Norte (CODERN), por meio do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), recebeu incentivos para o aprofundamento do canal de acesso do terminal e da bacia, o que possibilitou, a partir de 2008, a chegada de navios de médio e grande porte, antes não suportados. Segundo a CODERN, Natal atrairá novas rotas comerciais e o aumentará o fluxo de embarque e desembarque das mercadorias.

Os planos, porém, não pararam por aí. Com os recentes investimentos direcionados às obras relacionadas com a Copa do Mundo de 2014, a CODERN recebeu aproximadamente R\$ 53,7 milhões do PAC 2 para refor-

mar a zona portuária de Natal e construir o Terminal Marítimo de Passageiros. A obra, há muito esperada, permitirá o desembarque de cruzeiros e o recebimento de turistas.

Como o mar é uma área alfandegária – ou seja, não pertence a um país – o Terminal Marítimo de Passageiros funcionará como uma rodoviária, que possibilitará o embarque/desembarque de passageiros e o acesso destes aos serviços públicos. O projeto prevê a reformulação de um grande armazém que pertence ao Berço I. Berços são áreas demarcadas ao longo do cais que abrigam um navio por vez. O prédio permitirá o acesso a

serviços essenciais ao turista como Polícia e Receita Federal no térreo, e apresentações artísticas no segundo andar. O projeto também contempla a construção do Mirante do Potengi, que permitirá a vista do pôr do sol diretamente no rio que o nomeia.

Segundo o assessor de imprensa de CODERN, Alex Viana, esses investimentos são mínimos em relação ao retorno que a cidade terá com o turismo. “A Copa é um grande mundial que volta os olhos do mundo para as sedes desde o início, trazendo a mídia e o desenvolvimento por onde passa. Se Natal é sede, deve investir”, afirma.



Crédito: Nadjara Martins



Crédito: Nadjara Martins



Crédito: Nadjara Martins

Festa do Interior

Por Beto Carratore*

*“E ardia aquela fogueira
Que me esquentava a vida inteira
Eterna noite, sempre a primeira
Festa do interior...”*

Embora muito cantada nos bailes de carnaval no início dos anos 1980, ‘Festa do Interior’ (autoria de Abel Silva e Moraes Moreira) é uma canção junina, mais frevo do que ‘marchinha’, diferente do estilo antigo, mas que inegavelmente revive a tradição dos festejos que continuam celebrados no Nordeste e no interior do país afora, ou melhor, adentro!

E não é por acaso que o ritmo alegre, festivo e contagiante da canção, interpretado com maestria por Gal Costa, Elba Ramalho, Moraes Moreira, dentre outros craques da música popular brasileira, se tornou uma espécie de Hino Extraoficial do Campeonato Paulista de Futebol há exatas três décadas. O motivo? Ora, nada de novo na relação entre música e

futebol, mas neste caso a ‘comunhão’ está na própria essência da coisa: Festa do Interior. Não há nada que expresse ou simbolize com tamanha perfeição o que o futebol representa na vida dos cidadãos das pequenas, médias (e até mesmo grandes!) cidades do interior, seja em São Paulo ou em qualquer outro lugar. É, de fato, uma Festa! Um São João celebrado quase que o ano inteiro, nos finais de semana, tal como quermesse da Igreja. Tem fogos de artifício, tem música, tem rezas e promessas, tem churrasquinho ‘de gato’ e também cerveja. E tem até bola rolando e o coração batendo. Ou apanhando!

Pois é, mas o que isso tudo tem a ver com Natal, uma das mais belas e procuradas cidades desse Brasilão continental? Tudo. E justamente porque a capital potiguar, expressivo polo turístico do Nordeste, centro administrativo, econômico, cultural e ‘sabe-se lá mais o quê’ do Rio Grande do Norte converte-se – no campo de jogo – numa pacata cidadezinha do interior. É no âmbito do futebol que Natal, como outras capitais do Norte e Nordeste se

comporta como cidade interiorana. Festa do interior na capital! No jeito, na tradição, na paixão. Nas atitudes da torcida que, fanática, comparece religiosamente a todos os jogos. Na expectativa ansiosa do embate contra um grande clube tradicional do Brasil, para mostrar o seu valor. Para mostrar quem é que ‘manda no pedaço’. Coisas de festa do interior! Para vender a imagem da cidade ao ‘resto’ do país. Coisas de festa do interior! Para provar que tem força e mérito de permanecer (pelo menos uma ou duas temporadas) na Série A do Brasileiro. Coisas de festa do interior! Para expor o orgulho incontido de ser dessa terra e de falar esse sotaque. Coisas de festa do interior!

E assim segue o baile festivo para alvirrubros e alvinegros, ano após ano. Dá-lhe Mecão! Dá-lhe Becezão! Mas isso só para os mais íntimos, porque no Brasil inteiro são conhecidos por América de Natal e ABC de Natal. Assim mesmo: com nome e sobrenome! Ainda mais agora, reforçados pela presença da capital potiguar na COPA do MUNDO de 2014, o sincretismo entre o global e o local estará cada vez mais presente. Só mesmo a magia, o encanto e o fascínio do futebol permitem situações tão paradoxais e contraditórias. E ao mesmo tempo tão apaixonantes, como as festas do interior...

**Luis Roberto Rossi Del Carratore é professor do Departamento de Comunicação Social da UFRN. É corintiano e abecedista de coração.*

Potiguês



Durante a elaboração dos textos que compõem este livro, várias palavras foram se singularizando no falar cotidiano. Seleccionamos algumas para os nossos leitores, especialmente para os não potiguares.

Aperreado: desesperado

Arenga: pequena briga

Aroeiro: pessoa que vai à loja, olha, olha e não compra nada

Bagana: bala, biscoito, chocolate

Baixa da égua: lugar muito longe

Banda: pedaço de alguma coisa

Boyzinha: menina

Brenha: lugar distante, isolado

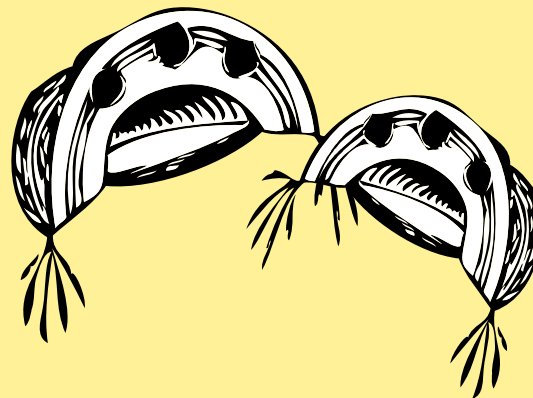
Brocoió: matuto

Calibrado: meio bêbado

Cangueiro: aquele que não dirige bem

Caningar: chatear

Catita: rato pequeno



Cheio de Toddynho: bêbado

Com a bexiga: com raiva

Curiar: ficar de olho

Desmantelado: maluco

Deu a bexiga: ficou com raiva

Diaboeiss: O que é isso?

Din-din: picolé de gelo

É caixão: é difícil

É guerra: é brincadeira

Eita piula: interjeição de espanto

Emboado: enrolado

Estruir: desperdiçar

Encangado: estar junto, ou em cima – montado

Fuderoso: muito, o máximo

Fumando numa quenga: pessoa que está puta da vida

Gaia: chifre

Galado: pessoa que não presta; ou presta – depende do contexto.

Grear: zombar de alguém

Infeliz das costa oca: expressão para xingar alguém

Jaburu: mulher feia

Jerimum: abóbora

Jururu: cabisbaixo, sem ânimo

Lapa: algo grande

Lapada: porrada ou quantidade de cachaça

Maçada: espera prolongada

Mangar: ridicularizar

Melado: bêbado

Mulesta: desgraça

Não dá um prego numa barra de sabão: pessoa que não faz nada, preguiçosa

Não voga: não vale

Ombreira: cabide

Oxente: interjeição de espanto

Paia: que não presta, não tem qualidade

Papel de enrolar prego: pessoa grosseira

Pastorador: flanelinha

Pegar o beco: sair, ir embora

Peia: surra

Pinta: malandro

Pirangueiro: aquele que pede muito

Quebra-queixo: cocada dura

Queixudo: cheio de moral

Reiada: porrada

Rebolar no mato: jogar algo fora, desfazer-se de algo

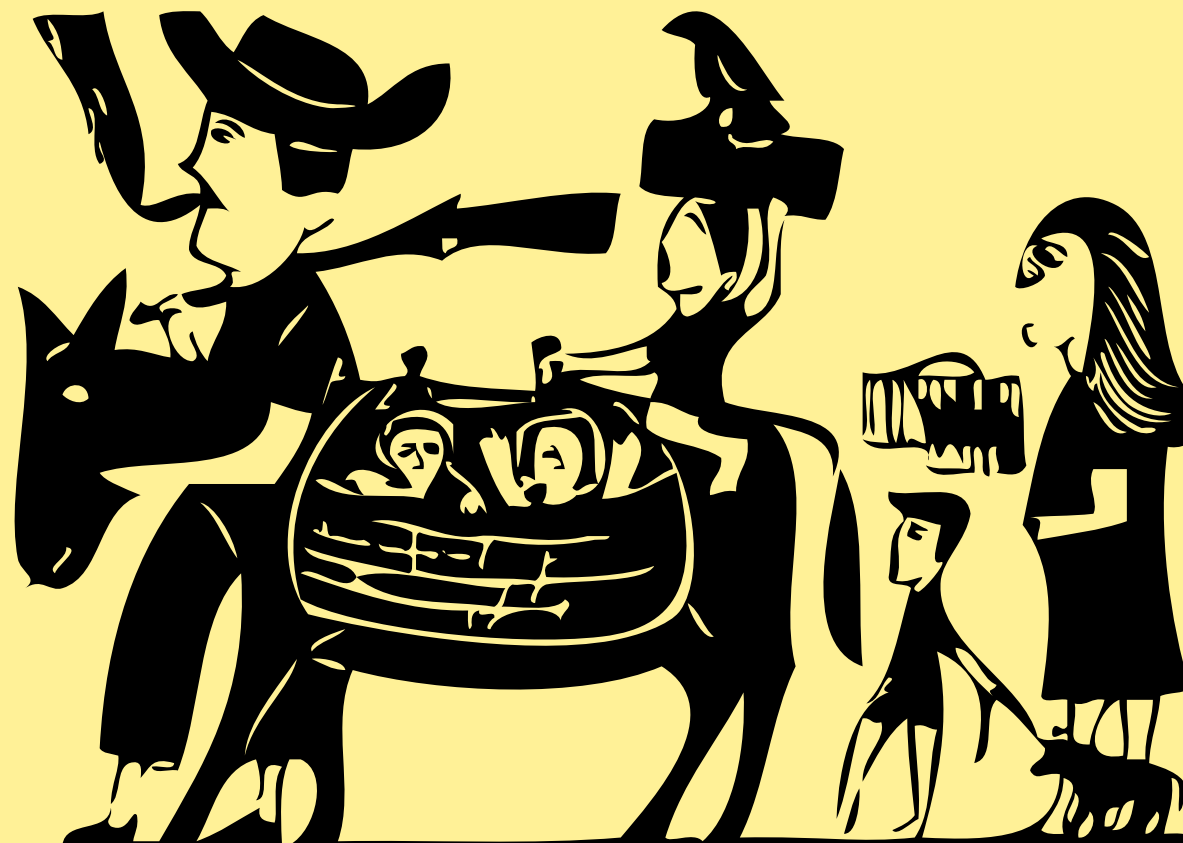
Reca: várias pessoas

Reieira: que não funciona, sem valor

Resenha: as últimas fofocas, festa, reunião de amigos

Roedeira: dor de cotovelo

Ruma: grande quantidade



Fontes de imagens ilustrativas

Capa

<http://sxc.hu/>

Arena das dunas, p. 20

<http://www.cimentoitambe.com.br/massa-cinzenta/copa-2014-arena-das-dunas-enfim-sai-do-papel/>

Feijão verde, p. 26

<http://pt.petitchef.com/receitas/feijao-verde-fid-328908>

Escondidinho, p. 26

<http://www.juliermetorres.com.br/2012/01/culinaria-escondidinho-de-carne-de-sol.html>

Manteiga de garrafa, 26

<http://www.verrugaagordura.com/manteiga-de-garrafa/>

Tapioca nordestina, p. 28

<http://www.sabetudo.net/tapiocas-rechedas.html>

Caju, p. 28

<http://nutriraquellupion.blogspot.com/>

Brigadeiro de caju, p. 29

<http://www.senhorbrigadeiro.com/blog/index.php/tag/brigadeiros-2/>

Cartola, p. 30

<http://revistagastronomiaenutricao.blogspot.com/2010/12/receita-cartola.html>